

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO  
PROFISSIONAL**

**HUGO SARMENTO GADELHA**

**CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL NO MUNICÍPIO DE  
SOUSA, PB: DA ÉPOCA DOS DINOSSAUROS AOS PRIMEIROS ANOS DO  
SÉCULO XX**

**Sousa, PB**

**2024**

**HUGO SARMENTO GADELHA**

**CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL NO MUNICÍPIO DE  
SOUSA, PB: DA ÉPOCA DOS DINOSSAUROS AOS PRIMEIROS ANOS DO  
SÉCULO XX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História como pré-requisito para obtenção do título de mestre em História pela Universidade de Caxias do Sul. Linha de pesquisa: Fontes e acervos na pesquisa e docência em História.

Orientador: Dr. Roberto Radünz

**Sousa, PB**

**2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

G124c Gadelha, Hugo Sarmento

Contribuições do ensino da história local no município de Sousa, PB  
[recurso eletrônico] : da época dos dinossauros aos primeiros anos do século  
XX / Hugo Sarmento Gadelha. – 2024.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de  
Pós-Graduação em História, 2024.

Orientação: Roberto Radünz.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. História - Estudo e ensino. 2. História local - Sousa (PB). 3.  
Professores de ensino fundamental. 4. Cartilhas - Manuais, guias, etc.. I.  
Radünz, Roberto, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 37.016:94

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)  
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460

CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL NO  
MUNICÍPIO DE SOUSA, ESTADO DA PARAÍBA: DA ÉPOCA DOS  
DINOSSAUROS AOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XX

*Hugo Sarmiento Gadelha*

Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História: Fontes e Linguagens. Linha de Pesquisa: Fontes e Acervos na Pesquisa e Docência em História

Caxias do Sul, 04 de julho de 2024.

Banca Examinadora:

Dr. Roberto Radünz  
Orientador  
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Eliana Gasparini Xerri  
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Helder Remigio de Amorim  
Universidade Católica de Pernambuco

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de expressar minha gratidão por todo o apoio e orientação fornecida pelo professor Dr. Roberto Radünz durante o processo de elaboração da minha dissertação. Sei que sem o seu envolvimento e comprometimento, eu não teria alcançado este momento tão importante em minha trajetória acadêmica.

Desde o início, senti-me apoiado e encorajado por seus comentários construtivos, que me ajudaram a moldar e aprimorar meu trabalho. Seu conhecimento foi imprescindível para que eu pudesse desenvolver uma pesquisa, assim, corroborando para o avanço do conhecimento em minha área de estudo.

Gostaria de agradecer a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a minha formação como pesquisador e para a conclusão deste trabalho. Agradeço aos amigos e familiares, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e incentivando.

## RESUMO

A presente dissertação apresenta uma discussão sobre a importância do ensino da história local em Sousa, Paraíba. O trabalho tem como objetivo investigar as percepções dos professores sobre o ensino da história local e entender como ocorre nas escolas de ensino fundamental na referida cidade. Para isso, adotou-se uma metodologia qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas com oito educadores do município. Os resultados obtidos indicam que o ensino da história local em Sousa é iniciado a partir do 3º ano do ensino fundamental, mas enfrenta problemas, como a falta de material didático específico. A pesquisa destaca que, apesar das dificuldades, há um reconhecimento da importância desse ensino para a construção da cidadania e para o desenvolvimento de habilidades de pesquisa e análise crítica nos estudantes. Para suprir a carência de recursos, neste trabalho, foi proposta a elaboração de uma cartilha didática sobre a história de Sousa, a qual tem como objetivo fornecer um material estruturado e acessível para os professores, abordando aspectos cronológicos e a análise de eventos e personalidades que moldaram a história local. Outrossim, sugere-se a utilização de recursos digitais e a produção de filmes e documentários para complementar o ensino. Logo, conclui-se a necessidade de uma revisão dos currículos escolares para incluir de forma mais efetiva a história da região, bem como a importância da capacitação contínua dos professores. A implementação de uma cartilha didática é vista como um passo importante para melhorar o ensino e engajar os alunos, promovendo um maior entendimento e valorização da história e cultura de Sousa.

**Palavras-chave:** História Local; Ensino de História; Sousa-PB; Material Instrucional.

## **ABSTRACT**

This dissertation presents a discussion on the importance of teaching local history in Sousa, Paraíba. The work aims to investigate teachers' perceptions of local history education and understand how it occurs in elementary schools in the referred city. For this, a qualitative methodology was adopted, using semi-structured interviews with eight educators from the municipality. The results obtained indicate that the teaching of local history in Sousa begins from the 3rd year of elementary school, but faces problems such as the lack of specific teaching materials. The research highlights that, despite the difficulties, there is a recognition of the importance of this education for building citizenship and developing research and critical analysis skills in students. To address the lack of resources, this work proposed the development of a didactic booklet on the history of Sousa, which aims to provide structured and accessible material for teachers, covering chronological aspects and the analysis of events and personalities that shaped local history. Additionally, the use of digital resources and the production of films and documentaries are suggested to complement the teaching. Thus, it is concluded that there is a need to review school curricula to more effectively include the region's history, as well as the importance of continuous teacher training. The implementation of a didactic booklet is seen as an important step to improve teaching and engage students, promoting a greater understanding and appreciation of the history and culture of Sousa.

**Keywords:** History Local; History Teaching; Sousa-PB; Instructional Material.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|       |  |
|-------|--|
| BNCC  | Base Nacional Comum Curricular                         |
| IBGE  | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística        |
| IPHAN | Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional |
| PB    | Paraíba  |
| UFPB  | Universidade Federal da Paraíba                        |



## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| <b>Figura 1:</b> Capitania da Paraíba.....  | 25 |
| <b>Figura 2:</b> Estado da Paraíba.....   | 29 |
| <b>Figura 3:</b> Região Metropolitana de Sousa-PB .....   | 33 |
| <b>Figura 4:</b> Igreja do Rosário dos Pretos .....   | 37 |
| <b>Figura 5:</b> Igreja Nossa Senhora dos Remédios após queda da torre .....                      | 38 |
| <b>Figura 6:</b> Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios de Sousa-PB .....                       | 39 |
| <b>Figura 7:</b> Construção da Igreja Matriz de Sant' Ana em Sousa-PB .....                       | 40 |
| <b>Figura 8:</b> Praça do Milagre Eucarístico.....  | 42 |
| <b>Figura 9:</b> Igreja do Bom Jesus Eucarístico em Sousa-PB .....                                | 42 |
| <b>Figura 10:</b> Capa de abertura da cartilha .....  | 54 |
| <b>Figura 11:</b> Sumário .....   | 55 |
| <b>Figura 12:</b> Apresentação inicial sobre Sousa.....   | 56 |
| <b>Figura 13:</b> História das tribos indígenas potiguaras e tabajaras no Alto Sertão .....       | 57 |
| <b>Figura 14:</b> Expedições europeias no século XVI e confrontos com indígenas .....             | 58 |
| <b>Figura 15:</b> Presença de Sousa na Capitania Hereditária de Itamaracá .....                   | 59 |
| <b>Figura 16:</b> Explicação sobre a criação das capitanias hereditárias .....                    | 60 |
| <b>Figura 17:</b> Processo de colonização do interior da Paraíba .....                            | 61 |
| <b>Figura 18:</b> Explicação dos desafios enfrentados pelos colonizadores na Paraíba ...          | 62 |
| <b>Figura 19:</b> Desenvolvimento econômico de Sousa.....   | 63 |
| <b>Figura 20:</b> Discussão sobre a formação e desenvolvimento do município de Sousa<br>.....     | 64 |
| <b>Figura 21:</b> Mapa de localização de Sousa.....   | 65 |
| <b>Figura 22:</b> Relação da fé com a história de Sousa .....                                     | 66 |
| <b>Figura 23:</b> Curiosidade sobre o Milagre Eucarístico .....                                   | 67 |
| <b>Figura 24:</b> Curiosidade sobre a população de Sousa.....                                     | 68 |
| <b>Figura 25:</b> Curiosidade sobre a invasão de Lampião em Sousa .....                           | 69 |
| <b>Figura 26:</b> A relação entre os dinossauros e o cotidiano das pessoas em Sousa ...           | 70 |
| <b>Figura 27:</b> Alimentos e utensílios indígenas ainda presentes no dia a dia em Sousa<br>..... | 71 |
| <b>Figura 28:</b> Capa de encerramento da cartilha .....  | 72 |

## LISTA DE QUADROS

|  |    |
|--|----|
| <b>Quadro 1:</b> Percentuais de religiões em Sousa .....                                 | 35 |
| <b>Quadro 2:</b> Principais pontos abordados sobre o ensino de história em Sousa, PB..   | 45 |
| <b>Quadro 3:</b> Proposta para melhor utilização da cartilha no Ensino Fundamental ..... | 73 |

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>12</b> |
| <b>2 HISTÓRICO ACERCA DA CIDADE DE SOUSA NO ALTO SERTÃO PARAIBANO .....</b>                                   | <b>18</b> |
| 2.1 HISTÓRIA DO SURGIMENTO DA PARAÍBA.....  | 18        |
| 2.1.1 A Capitania de Itamaracá e as expedições ao interior .....  | 22        |
| 2.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO MUNICÍPIO DE SOUSA-PB.....   | 30        |
| 2.3 SOUSA E A RELIGIOSIDADE CATÓLICA.....   | 35        |
| <b>3 O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: CONTRIBUIÇÕES POR MEIO DE UMA CARTILHA DIDÁTICA .....</b> | <b>44</b> |
| 3.1 RESULTADOS DA APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS.....  | 44        |
| 3.2 PRODUTO EDUCACIONAL – CARTILHA DA HISTÓRIA DE SOUSA .....   | 51        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>78</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>81</b> |
| <b>ANEXO .....</b>  | <b>86</b> |
| ANEXO A – QUESTIONÁRIOS.....  | 86        |
| ANEXO B – RESPOSTAS COMPILADAS .....  | 87        |

## 1 INTRODUÇÃO

No limiar desta dissertação, apresenta-se uma análise acerca do ensino da história local no município de Sousa, situado no Estado da Paraíba. Esta investigação busca compreender e elucidar os diversos aspectos que permeiam essa temática, explorando as dimensões pedagógicas, culturais e sociais envolvidas no processo educativo e no Ensino de História.

A escolha deste tema não é aleatória, mas sim decorrente da relevância que a história local assume no contexto educacional contemporâneo. Entende-se que o estudo da história local não se restringe ao mero exercício acadêmico, pois estende-se como base para a construção da identidade cultural e histórica dos indivíduos que compõem essa comunidade.

A investigação proposta visa apresentar como o ensino da história local, em Sousa, contribui para a formação de uma consciência crítica e reflexiva nos alunos. Procura-se analisar a maneira pela qual a história do município é integrada aos currículos escolares, bem como as estratégias pedagógicas adotadas pelos educadores para transmitir esse conhecimento. A análise se estende para compreender como esses conteúdos históricos locais são recebidos e percebidos pelos estudantes, investigando o impacto desses ensinamentos na formação de sua identidade e sentido de pertencimento.

O município de Sousa, com sua rica história e cultura, oferece um campo fértil para este estudo. A história local é marcada por eventos, figuras históricas proeminentes e uma herança cultural rica que se reflete na vida cotidiana de seus habitantes. Ela também é formada por sujeitos ordinários, pessoas comuns que enriquecem esse cenário. A análise foca em como essa riqueza histórica é contextualizada e apresentada nas escolas, e como isso afeta a compreensão dos alunos sobre seu próprio legado e história.

Com respeito à cidade de Sousa e à região subjacente, na atualidade, ela se destaca pelo seu crescimento econômico. De acordo com o Secretário Fernando Macena<sup>1</sup>, há uma possibilidade maior de desenvolvimento, tendo em vista a segurança hídrica proporcionada pela chegada das águas do Rio São Francisco,

---

<sup>1</sup> Entrevista com o atual Secretário e Diretor de Turismo de Sousa, PB (2024).

gerando uma esperança para as plantações de coco, além das demais culturas agrícolas (ARRUDA, 2023).

Atualmente, são plantados alimentos como banana, goiaba, maracujá, arroz, feijão, milho, tomate, algodão e capim de corte. Também, ainda se faz presente a pecuária leiteira (bovina), a produção de carne (bovina) e animais para reprodução (GONÇALVES, 2019).

Quanto ao turismo, um dos pontos mais conhecidos e visitados da cidade é o Monumento Natural Vale dos Dinossauros. Trata-se de uma Unidade de Conservação com 40 hectares de extensão, além de mais de 20 sítios arqueológicos, local onde foram encontradas as primeiras pegadas de dinossauros do país (ARRUDA, 2023).

Criado em 2002 pelo Governo do Estado, movimenta cerca de dois mil visitantes por mês, podendo até dobrar no período das férias escolares. Tal atração atrai pesquisadores, estudantes e a população em geral, todos em busca de conhecer um pouco mais a respeito da história paleontológica do território.

A presença de pegadas de dinossauros desperta curiosidade entre as crianças. Esses vestígios encontrados no Vale dos Dinossauros é uma ótima ferramenta educacional, pois, escolas organizam visitas aos locais, promovendo o aprendizado de maneira lúdica e interativa, conectando o passado distante com o presente.

Além das visitas, a temática dos dinossauros está presente no cotidiano das crianças por meio de atividades recreativas e culturais. Assim, esse contato constante com a história fomenta a imaginação e o interesse pelo estudo da História Local, fortalecendo a identidade local.

Ademais, busca-se nesta dissertação identificar as lacunas e desafios enfrentados no ensino da história local. Isso inclui avaliar a disponibilidade de recursos didáticos, a formação e a capacitação dos professores na área de história local, e as possíveis barreiras que impedem a efetiva integração dessa temática no currículo escolar. Assim, objetiva-se propor recomendações que possam aprimorar e enriquecer o ensino da história local em Sousa, tornando-o mais dinâmico, inclusivo e alinhado com as necessidades e expectativas da comunidade escolar.

A relevância deste estudo fundamenta-se na necessidade de compreender como o ensino da história local pode contribuir para o desenvolvimento de uma consciência crítica nos estudantes, considerando que, ao aprofundar nas raízes históricas e culturais do município de Sousa, os alunos têm a oportunidade de

desenvolver um entendimento mais enraizado de sua própria realidade, reconhecendo a pluralidade e diversidade presentes na formação cultural da região.

Esta compreensão, por sua vez, promove o respeito e a valorização de sua herança cultural e histórica, bem como compreende a fé católica, visto que também existem outras expressões religiosas e espirituais presentes na comunidade. Dessa maneira, o estudo busca fomentar um sentimento de pertencimento e identidade comunitária inclusiva, respeitando e celebrando a diversidade religiosa como elemento do tecido social.

Ademais, a análise proposta nesta dissertação é especialmente pertinente no contexto atual, caracterizado por uma crescente valorização das questões de identidade cultural, memória coletiva e patrimônio histórico, vistas através de uma lente que compreende diversas perspectivas e tradições, as quais, cada vez mais presentes no debate público e acadêmico, são importantes para a formação de cidadãos conscientes, engajados e respeitosos das várias expressões de fé e crenças que coexistem na comunidade.

Nesta ótica, ao estudar a história local, os alunos têm a oportunidade de refletir sobre as narrativas que moldaram sua comunidade, reconhecendo as conquistas e os problemas enfrentados ao longo do tempo, incluindo a interação entre diferentes grupos religiosos e culturais.

Nesta seara, este trabalho tem como objetivo principal investigar a perspectiva dos professores sobre o ensino da história local como um meio de promover inclusão e diversidade dentro do ambiente escolar. Busca-se compreender como, através da ótica docente, a inclusão de narrativas diversas e frequentemente marginalizadas sobre a história do município pode servir como um instrumento para desenvolver uma visão mais inclusiva do passado e do presente entre os estudantes.

Outrossim, objetiva-se identificar estratégias pedagógicas, a partir da perspectiva dos professores, que possam utilizar o ensino da história local para desenvolver habilidades de pensamento crítico e análise reflexiva, assim, explorar como os docentes encorajam os estudantes a questionar, investigar e interpretar eventos históricos locais, capacitando-os a construir seus próprios entendimentos e perspectivas.

Em concordância com os objetivos propostos neste estudo, inicialmente, será empreendido um levantamento bibliográfico acerca da temática em tela. Tal investigação se debruçará sobre um espectro amplo de fontes acadêmicas,

abrangendo artigos, teses e dissertações. Esta etapa inicial tem como escopo primordial proporcionar uma compreensão e um entendimento a respeito do tema, fundamentando-se em um arcabouço teórico robusto e diversificado, que permita um panorama da matéria em estudo.

Prosseguindo na metodologia proposta, será realizada uma pesquisa aplicada de caráter exploratório, alinhada aos objetivos desta dissertação. A abordagem qualitativa é pertinente para a compreensão das percepções, experiências e significados que os professores, indo além de meras quantificações, assim, possibilitando captar a essência das experiências vivenciadas pelos professores no que se refere à prática de ensino de história em Sousa. Pois, conforme explicam Rhoden e Zancan (2020, p. 2):

As pesquisas qualitativas aparecem para dar conta do lado não visível e não compreendido apenas por meio de equações, médias e estatísticas, ou seja, nas pesquisas qualitativas, o pesquisador preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e na explicação da dinâmica das relações sociais.

O caráter exploratório desta pesquisa justifica-se pela necessidade de um entendimento sobre como é percebida e praticada nesse contexto específico de educação. Assim sendo, explorar esse universo permite identificar as particularidades que poderiam permanecer ocultas em abordagens mais diretivas, viabilizando a imersão na realidade dos professores e facilitando a identificação de desafios, oportunidades e dinâmicas específicas. Nas palavras de Sampaio (2022, p. 26):

A pesquisa exploratória possui como objetivo ampliar o conhecimento do pesquisador sobre uma determinada problemática. É um tipo de pesquisa essencial no início de investigações, pois compreendendo melhor a problemática a ser estudada, será possível refinar de maneira mais adequada a pergunta de pesquisa, escolher de forma mais assertiva os instrumentos de coleta de dados e organizar o uso do tempo e dos recursos.

Dessa forma, este segmento da pesquisa envolverá um procedimento de levantamento focado especificamente no ensino da história local como disciplina no Município de Sousa. Esta fase da investigação visa analisar, de forma empírica e prática, as abordagens pedagógicas adotadas, assim como a receptividade e eficácia destas no contexto educacional sousense.

Os dados necessários para esta análise serão obtidos por meio da aplicação de questionários e realização de entrevistas semiestruturadas. Estes instrumentos serão direcionados especificamente aos professores de História que atuam no Município de Sousa, buscando captar suas percepções, experiências e avaliações

acerca do ensino da história local. Foram entrevistados um total de oito (8) educadores e estudiosos do Município de Sousa, selecionados com base em critérios que asseguram a representatividade e a abrangência da amostra.

O questionário em questão aborda diversos pontos relativos à prática docente e ao ensino de História Local nas escolas. Inicialmente, busca identificar o entrevistado através do pedido do nome completo e do tempo de atuação como docente, o que pode indicar o nível de experiência do professor na área. Em seguida, questiona sobre as disciplinas em que atua, visando compreender a abrangência do seu trabalho educacional.

Um ponto específico de interesse é entender em que ano do Ensino Básico o tema da história local é introduzido aos estudantes, bem como os materiais oficiais ou apostilas que são empregados para facilitar esse trabalho. Ainda, o questionário procura explorar os aspectos, temas e assuntos abordados quando se trata da História Local, possivelmente para identificar lacunas ou ênfases particulares nos currículos escolares.

A interação dos alunos com a História que lhes é própria é outro ponto de interesse, pois a forma como os estudantes se engajam com o conteúdo pode influenciar diretamente a eficácia do processo de aprendizagem. Outrossim, a voz e a perspectiva do educador são valorizadas, solicitando sugestões que possam qualificar ainda mais o ensino de História Local, o que implica uma busca por práticas inovadoras ou melhorias no currículo atual.

O questionário foi desenvolvido e aplicado especificamente para professores do Ensino Fundamental, com o intuito de coletar informações sobre a abordagem do ensino de História Local. A aplicação do questionário se deu de forma presencial, proporcionando um contato direto e mais humano com os docentes. Cada participante preencheu as questões utilizando caneta, o que conferiu formalidade e uma sensação tátil ao processo de resposta.

Para cumprir as normas de ética na pesquisa e as legislações aplicáveis, foi utilizado um documento de consentimento informado, o qual foi assinado pelos professores antes da participação no estudo, assegurando que estavam plenamente cientes dos objetivos da pesquisa e concordavam com a sua participação. Desse modo, respeitando a autonomia dos participantes e fortalecendo a validade ética do estudo, garantindo que todas as informações sejam utilizadas com responsabilidade e de acordo com os preceitos éticos.



As suas atuações como docentes variam consideravelmente, indo desde o mais recente, com apenas um mês de experiência, até profissionais com 25 anos dedicados à educação. Entre as formações, percebe-se que há especialistas em História e demais áreas das ciências humanas.

Os anos de atuação como docente entre eles somam mais de 50 anos, espelhando um leque de saberes e práticas pedagógicas que enriquecem o ensino. Há uma variedade de respostas sobre em que ano do ensino básico o tema da História Local é tratado, variando desde o 3º ano até a falta de um ano específico mencionado por um dos professores.

Diante deste panorama, ao término do processo investigativo, e com base na análise dos dados coletados, serão propostas medidas mitigadoras com vistas a aprimorar o ensino da história local. Essas medidas terão como objetivo principal assegurar a promoção efetiva da história sousense em seus múltiplos aspectos e nuances.

Pretende-se, com tais propostas, fornecer contribuições concretas para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais engajadas que transmitam o conhecimento histórico e instiguem o interesse e a valorização da história local por parte dos estudantes.

## 2 HISTÓRICO ACERCA DA CIDADE DE SOUSA NO ALTO SERTÃO PARAIBANO

Este capítulo objetiva apresentar a história e evolução da cidade de Sousa no Alto Sertão Paraibano, oferecendo uma análise que se inicia com a origem do estado da Paraíba. Inicialmente, o texto explora o surgimento da Paraíba, imergindo nas raízes históricas que moldaram o estado desde seus primeiros momentos de colonização, enfatizando como os eventos históricos e culturais contribuíram para o desenvolvimento do território. A narrativa, então, desloca-se para a especificidade da cidade de Sousa, destacando sua importância regional e as peculiaridades que a distinguem dentro do contexto paraibano.

### 2.1 HISTÓRIA DO SURGIMENTO DA PARAÍBA

A história da Paraíba é um mosaico de eventos e influências culturais que se entrelaçam para formar a identidade única da região, onde a narrativa deste estado começa muito antes da chegada dos colonizadores europeus, com a presença de povos indígenas. Essas comunidades nativas, que habitavam a área há milênios, desenvolveram culturas ricas, deixando um legado que ainda hoje influencia diversos aspectos da vida paraibana.

A chegada dos portugueses ao Brasil, em 1500, não desencadeou imediatamente uma intensa exploração do território. Inicialmente, Portugal mantinha seu foco nas riquezas das Índias, considerando as terras brasileiras de menor interesse, especialmente porque não eram evidentes riquezas comparáveis ao ouro, elemento amplamente explorado nas colônias espanholas. Contudo, como Guedes (2013) ressalta, a possibilidade de encontrar ouro e prata nos sertões brasileiros era uma ideia recorrente, alimentando o imaginário dos colonizadores e motivando expedições em busca desses metais preciosos.

Nesse período de relativo desinteresse português, o território brasileiro começou a atrair a atenção de piratas e corsários, principalmente devido à abundância de pau-brasil. Essa madeira, preciosa por sua corante vermelha, tornou-se o primeiro grande produto de exportação do Brasil. A exploração do pau-brasil foi marcada pelo estabelecimento de relações comerciais com os povos indígenas através do sistema de escambo. Os indígenas extraíam a madeira e, em troca, recebiam mercadorias europeias, como tecidos, ferramentas e adornos.

Esse comércio inicial com os indígenas, baseado no escambo, foi uma forma de exploração que não exigia uma ocupação territorial intensiva por parte dos portugueses. No entanto, essa interação marcou o início de um longo e complexo processo de transformações culturais e sociais, tanto para os povos indígenas quanto para os europeus.

A extração do pau-brasil, embora inicialmente lucrativa, não sustentou a longo prazo o interesse econômico de Portugal no Brasil. Com o tempo, à medida que outras potencialidades econômicas foram sendo descobertas, como a cana-de-açúcar e, posteriormente, a mineração de ouro e diamantes, a dinâmica de exploração e colonização do território brasileiro ganhou novos contornos.

Conforme explica Lira (2020), a situação na colônia brasileira durante os primeiros anos de colonização foi complexa e desafiadora para a Coroa Portuguesa. A preocupação com o contrabando do pau-brasil, uma das primeiras riquezas do Brasil, era um assunto de grande importância. Piratas e corsários, muitas vezes com a ajuda de povos indígenas, exploravam essa madeira e a vendiam no mercado europeu, burlando os interesses portugueses. Para combater essa prática, Portugal começou a enviar expedições com o objetivo de reprimir o contrabando.

No entanto, essas expedições frequentemente se mostravam infrutíferas. Os piratas, aliados aos indígenas, conseguiam efetivamente repelir os esforços portugueses. Essa resistência era um reflexo da habilidade e conhecimento local dos indígenas e da falta de uma presença portuguesa organizada na vastidão do território brasileiro.

Diante dessa dificuldade, e buscando uma solução mais estruturada para o problema, o rei de Portugal decidiu implantar o sistema de capitanias hereditárias. Esse sistema, iniciado em 1534, consistia na divisão do território brasileiro em faixas de terra que eram doadas a nobres ou pessoas de confiança do rei. Esses donatários, como eram chamados, tinham a responsabilidade de administrar e colonizar suas respectivas capitanias, defendendo-as de invasões estrangeiras e promovendo o desenvolvimento econômico. A propósito do interesse português em ocupar efetivamente sua colônia, o sistema de capitanias deve ser problematizado nessa relação com as populações originárias.

Neste contexto, para Bauer (2020, p. 47):

Com o início do processo colonial, também houve transformações no âmbito econômico, com a introdução do cultivo da cana-de-açúcar, cuja produtividade era favorecida pelas condições climáticas da América

portuguesa, além de possuir boa aceitação no mercado europeu. Antes de desenvolver a cultura da cana na América, Portugal já a cultivava nas ilhas atlânticas.

Em fins do século XVI, como referido anteriormente, a Paraíba foi palco de confrontos entre os portugueses e os indígenas, especialmente os Potiguaras e Tabajaras<sup>2</sup>. A resistência indígena foi intensa, mas acabou sendo vencida pelos colonizadores.

A Potiguara sobrevive à violência há quinhentos anos e ocupa a atual Baía da Traição (antiga acakutibiró), Rio Tinto e Marcação no Litoral Norte. Numa área delimitada pelo rio Camaratuba ao norte, rio Mamanguape ao sul e o Oceano Atlântico a leste, habitam trinta e duas aldeias com quinze mil pessoas falantes do Tupi e do Português, praticantes e transmissores das tradições, educação e memórias dos “troncos-velhos” (anciãos da aldeia).

[...]

A segunda etnia – Tabajara - conhecida como família dos caboclos desde o século XVI, tem ficado dispersa, anônima e quase extinta na zona rural do Litoral Sul: Alhandra, Conde, Pitimbu, Caapora e em assentamentos do INCRA nas periferias de João Pessoa, desde quando latifundiários portugueses, franceses e holandeses a desapropriaram de suas terras nos anos cinquenta e sessenta. (PESTANA, 2015, p. 96).

A empresa colonizadora portuguesa teve como primeiro grande movimento o estabelecimento das Capitânicas Hereditárias. Segundo as historiadoras Schwarcz e Starling (2015, p. 46):

A partir de 1534 a metrópole dividiu o Brasil entre catorze capitânicas, quinze lotes e doze donatários. Como se desconhecia o interior do território, a saída foi imaginar faixas litorâneas paralelas desde a costa que adentrariam até o "sertão". Todos os beneficiados pela medida eram egressos da pequena nobreza lusitana, sendo sete deles membros destacados nas campanhas na África e na Índia e quatro altos funcionários da corte. O sistema previa que o donatário tivesse o poder supremo e de jurisdição sobre sua capitania, podendo desenvolver a terra e escravizar indígenas. O isolamento era, porém, grande e danoso. Tanto que em 1572 a Coroa dividiu a administração em dois governos-gerais: o Governo do Norte, com capital em Salvador, era encarregado de cuidar a região que ia da capitania da Baía de Todos os Santos até a capitania do Maranhão. O Governo do Sul, com sede no Rio de Janeiro, ficava com o controle da região que ia de Ilhéus até o Sul. Criavam-se, pois, territórios dentro de territórios, regiões que mal se reconheciam como pertencentes a um mesmo espaço administrativo e político.

Foram criados "quinze quinhões, por uma série de linhas paralelas ao equador que iam do litoral ao meridiano de Tordesilhas." (FAUSTO, 2003, p. 44). Dessas capitânicas, a de Itamaracá é a que hoje abrange o território paraibano. Itamaracá se

---

<sup>2</sup> Os Potiguaras e os Tabajaras foram dois grupos indígenas que habitavam, respectivamente, a região do litoral norte e sul do atual estado da Paraíba, no Brasil, chegando até partes do Rio Grande do Norte e de Pernambuco. Ambos os grupos pertenciam ao tronco linguístico Tupi, compartilhando características culturais e sociais, mas tinham identidades e territórios distintos (MEDEIROS *et al.*, 2020).

estendia do rio Santa Cruz até a Baía da Traição. Foi então doada a Pedro Lopes de Souza, que não pôde assumir. Logo depois veio Francisco Braga, o qual possuía uma rivalidade com Duarte Coelho e, em razão disso, deixou a capitania em falência, assumindo em seu lugar João Gonçalves. Após a morte deste, a capitania entrou em crise; então, o rei de Portugal, D. João III, mandou dividir Itamaracá, dando surgimento à capitania do Rio Paraíba. Deu-se início às expedições para a conquista da Paraíba.

O sistema de capitanias hereditárias representou uma tentativa de estabelecer uma administração mais ativa sobre o território, delegando poderes aos donatários para que estes agissem quase como pequenos monarcas em suas terras. Eles tinham a autoridade para conceder terras, cobrar impostos e até mesmo estabelecer justiça. No entanto, muitos desses donatários enfrentaram enormes dificuldades, incluindo a resistência indígena, a distância da metrópole, a falta de recursos e experiência na administração de terras e, em alguns casos, a hostilidade do ambiente natural.

O sistema de capitanias, apesar de suas intenções iniciais, acabou por ser parcialmente bem-sucedido. Algumas capitanias prosperaram, enquanto outras permaneceram largamente inexploradas e incontroladas. Este modelo administrativo foi um passo importante na história colonial do Brasil, refletindo os desafios e as estratégias utilizadas pela Coroa Portuguesa na tentativa de assegurar e explorar seus territórios ultramarinos.

No século XVI, a região que hoje corresponde ao estado da Paraíba foi cenário de intensos confrontos e interações entre os colonizadores portugueses e os povos indígenas locais, notadamente os Potiguaras e os Tabajaras. Esses confrontos eram frequentemente marcados por resistências indígenas vigorosas contra a invasão e o estabelecimento dos portugueses em suas terras. Consoante Lira (2020), apesar da forte resistência, os indígenas acabaram sendo subjugados pelos colonizadores.

Tendo em vista isso, a próxima seção abordará a Capitania de Itamaracá, ressaltando sua criação e a importância das expedições ao interior do território paraibano. A fundação dessa capitania e as subseqüentes explorações são espelho da estratégia de Portugal em consolidar o controle sobre suas terras.

### 2.1.1 A Capitania de Itamaracá e as expedições ao interior

A capitania de Itamaracá<sup>3</sup> foi inicialmente doada a Pedro Lopes de Souza, que, por razões não especificadas, não assumiu a administração. Francisco Braga, seu sucessor, enfrentou uma série de desafios, incluindo a rivalidade com Duarte Coelho, outra figura importante no cenário colonial. Esses conflitos, juntamente com a gestão inadequada, levaram à falência da capitania, um fato que reflete as dificuldades encontradas na administração das capitanias hereditárias. Diante dessa situação caótica, o rei D. João III de Portugal decidiu intervir, dividindo a capitania de Itamaracá e criando a capitania do Rio Paraíba. Essa divisão foi um passo importante na reorganização e no reforço do controle colonial sobre a região.

Com a criação da capitania do Rio Paraíba, Portugal intensificou seus esforços para conquistar e colonizar efetivamente a região da Paraíba. Iniciaram-se várias expedições com o objetivo de estabelecer a presença portuguesa, enfrentar as resistências indígenas e desenvolver a economia local baseada principalmente na agricultura e na exploração de recursos naturais.

As primeiras tentativas de exploração e colonização do território paraibano pelos portugueses, no final do século XVI, enfrentaram uma série de desafios e revezes, ilustrando a dificuldade da tarefa de estabelecer um controle efetivo sobre essa região.

A primeira dessas expedições, como Cunha (2013) relata, ocorreu em 1574 e foi liderada pelo ouvidor-geral D. Fernão da Silva. Embora inicialmente parecesse que Fernão da Silva não encontraria resistência ao tomar posse das terras paraibanas, rapidamente se revelou que se tratava de uma armadilha. Indígenas locais, provavelmente Potiguaras ou Tabajaras, surpreenderam a expedição, forçando-a a recuar para Pernambuco. Esse evento demonstra a resistência indígena e a complexidade do terreno e da situação política na região.

No ano seguinte, em 1575, uma segunda expedição foi organizada sob o comando do governador-geral D. Luís de Brito. Entretanto, essa tentativa também foi frustrada, desta vez por causas naturais. Ventos desfavoráveis impediram que a

---

<sup>3</sup> A Capitania de Itamaracá foi uma das divisões administrativas do território brasileiro durante o período colonial, estabelecida no contexto do sistema de Capitanias Hereditárias implantado pela Coroa Portuguesa, no qual estava situada na atual região Nordeste do Brasil (FONSECA, 2023).

expedição alcançasse as terras paraibanas, evidenciando os desafios logísticos e ambientais enfrentados pelos colonizadores.

Após um intervalo de três anos, em 1578, o governador-geral Lourenço Veiga fez uma nova tentativa de conquistar o Rio Paraíba, mas, assim como seus antecessores, não obteve sucesso. Esses fracassos consecutivos ilustram a tenacidade da resistência indígena e a dificuldade dos portugueses em estabelecer um ponto de apoio na região.

Posteriormente, em 1579, ocorreu a terceira expedição, liderada pelo capitão Frutuoso Barbosa. Barbosa fez uma promessa ousada: caso conseguisse conquistar a Paraíba, governaria a região por dez anos. No entanto, uma forte tormenta atingiu sua frota, forçando-o a recuar para Portugal. Este evento, reportado pelo Paraíba Total (2021)<sup>4</sup>, simboliza as adversidades que marcaram os primeiros anos da tentativa de colonização da Paraíba.

O episódio de 1574 envolvendo indígenas e colonizadores ilustra a complexidade das relações interculturais no período colonial brasileiro, destacando-se pela sua natureza dramática e pelas consequências que teve para os envolvidos. Histórias locais alimentam certas visões a respeito desse passado. Numa abordagem romanceada, conta-se que um mameluco, como eram conhecidos indivíduos de ascendência mista europeia e indígena, viajou até a aldeia Cupaóba, habitada pelo povo Potiguar, localizada na região que hoje corresponde à Paraíba. Lá, ele foi recebido pelo líder local, Iniguassu, e acabou casando-se com a filha deste, Iratembé. O casamento foi acordado sob a condição de que o mameluco permaneceria na tribo. No entanto, em um ato de traição, ele fugiu com Iratembé, aproveitando-se de um período em que Iniguassu estava ausente.

Em 1574, dois guerreiros Potiguaras, originários de Olinda, realizaram uma expedição para recuperar uma menina indígena de quinze anos, filha do cacique Iniguaçu, que havia sido sequestrada por um mameluco nas aldeias da Serra de Copapoa (OCTÁVIO, 2002). Entretanto, a beleza desta moça atraiu o interesse do proprietário local, Diogo Dias, o qual decidiu manter a garota sob seu controle, relato, como dito anteriormente, carregado de uma leitura romanceada. Essa decisão provocou reação entre os indígenas locais, incentivados pelos franceses, que invadiram o engenho de Diogo Dias em Tracunhaém, matando seus moradores,

---

<sup>4</sup> Portal com conteúdo sobre história, economia, negócios e mercado da Paraíba.

exceto um irmão de Diogo (OCTÁVIO, 2002). Além disso, outros centros de povoamento em Itamaracá sofreram ataques simultâneos, levando à retirada dos colonizadores para se refugiar na ilha (OCTÁVIO, 2002).

Esse acontecimento, carregado na sua narrativa, reflete a complexidade das dinâmicas sociais e culturais no Brasil colonial. A mistura de culturas, evidenciada pela figura do mameluco, e a interação, muitas vezes tumultuada, entre indígenas e colonizadores, são temas recorrentes nesse período. Outrossim, o episódio destaca a vulnerabilidade dos povos indígenas diante das ações e decisões dos colonizadores.

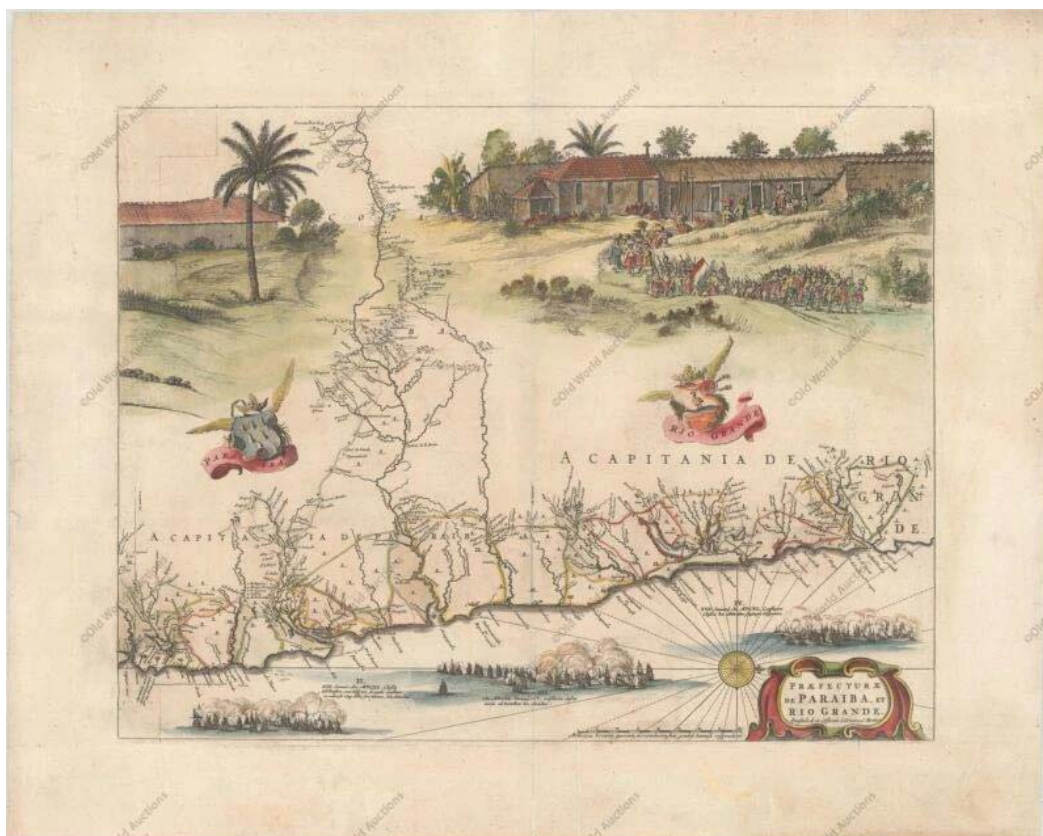
O caso de Iratembé e sua família também aponta para as tensões geradas pelo choque entre diferentes sistemas de valores e tradições. A noção de casamento, lealdade e honra tinham interpretações distintas entre os povos indígenas e os colonizadores europeus, o que frequentemente levava a mal-entendidos e conflitos. Este evento não foi apenas um incidente isolado, mas um reflexo das relações complexas e muitas vezes conflituosas que caracterizaram a era colonial no Brasil, moldando a história e a sociedade em desenvolvimento na região.

Assim, surgiu a Capitania Real da *Parahyba*<sup>5</sup> (Figura 1), que passou a figurar nos mapas portugueses a partir de 1574. A criação dessa capitania foi um passo importante na consolidação do domínio português no nordeste do Brasil, refletindo as dinâmicas de poder e os desafios enfrentados pela Coroa Portuguesa na gestão de suas colônias. Este evento é um marco na história da Paraíba, evidenciando o impacto das ações indígenas na configuração política e territorial do Brasil colonial.

---

<sup>5</sup> Segundo Pereira (2017), a Capitania Real da Parahyba foi criada no século XVI, foi uma divisão administrativa estabelecida pela Coroa Portuguesa no território que hoje corresponde ao estado da Paraíba, no Brasil, no qual foi administrada diretamente pela Coroa (Capitania Real).



**Figura 1:** Capitania da Paraíba

Fonte: Mapas históricos (2023).

Consoante à análise da Figura 1, percebe-se a presença de rios e engenhos. Primeiramente, os rios são elementos em qualquer mapa antigo, pois eram as principais vias de transporte e comunicação entre diferentes regiões, representando a conexão e as barreiras naturais que influenciam o desenvolvimento das sociedades. No mapa, a presença e o curso dos rios podem indicar rotas de comércio, pontos de assentamento e também a disponibilidade de recursos hídricos.

Os engenhos, frequentemente associados à produção de açúcar no período colonial, são marcadores da presença da atividade econômica e da exploração agrícola na região, os quais possuem sua presença próxima aos rios por questões logísticas e econômicas.

Sendo assim, a partir do contexto apresentado, ressalta-se que a primeira expedição liderada por Fernão Silva, o então Ouvidor Geral e Provedor-Mor da Fazenda, tentou dominar as terras indígenas no ano aproximado de 1555 (OCTÁVIO, 2002). Essa campanha enfrentou uma tenaz oposição dos nativos, resultando na derrota e retirada das forças portuguesas até a região costeira próxima de Itamaracá,

onde os sobreviventes continuaram sua viagem até a Baía de Todos os Santos, atual Salvador, capital do governo colonial (OCTÁVIO, 2002).

Em 1572, quando a ameaça francesa ameaçava o lucrativo monopólio do pau-brasil, Portugal enviou uma segunda expedição para repelir a intromissão. Contudo, embora a determinada e corajosa resistência indígena fosse superada na vitória posterior de 1585, esta segunda campanha também terminou em fracasso. Comandada pelo Governador Geral D. Luís de Brito, a expedição sofreu contratempos como ventos adversos, impedindo mesmo a chegada à Paraíba (OCTÁVIO, 2002). Desiludidos, os invasores, auxiliados por provisões de Pernambuco, recuaram para Olinda, sendo derrotados (OCTÁVIO, 2002).

Por conseguinte, em 1585, o fidalgo português Martim Leitão coordenou uma expedição destinada à conquista da Paraíba, cujo sucesso só viria a ocorrer posteriormente. Como resultado da importância estratégica dessa região, a Paraíba foi transformada em capitania real, diretamente subordinada à Coroa Portuguesa, permitindo o uso de recursos oficiais no empreendimento (OCTÁVIO, 2002). Militarmente, a campanha foi liderada por João Tavares e incluía aproximadamente mil homens montados e a pé, compostos por soldados, colonos europeus, indígenas aliados e escravos negros (OCTÁVIO, 2002). A expedição buscou aproveitar a divisão do campo indígena para consolidar o poder português na região (OCTÁVIO, 2002).

Corroborando com Octávio, Gonçalves (2007, p. 33) afirma que:

As ordens eram para que os lugares-tenentes dos donatários de Pernambuco e Itamaracá fornecessem os homens e as armas necessárias para formar uma força terrestre poderosa o suficiente para que os Potiguara e os franceses fossem derrotados no rio Paraíba e para que, ali, fosse erguido um forte que garantisse o início do povoamento branco.

Assim, nota-se que as expedições portuguesas para conquistar a Paraíba no século XVI foi marcada por desafios, conflitos e, eventualmente, a superação desses obstáculos. A narrativa dessas expedições, conforme relatado pelo Paraíba Total (2021), destaca a persistência e a determinação dos portugueses em estabelecer seu domínio sobre a região.

Conforme apontado por Guedes (2013), a colonização da Paraíba não deve ser vista apenas como um evento isolado, mas como parte de um processo contínuo de construção cultural e histórica. Esse processo envolveu a interação, muitas vezes conflituosa, entre os colonizadores portugueses, os povos indígenas locais e, posteriormente, os africanos trazidos como escravos, visto que, cada um desses

grupos contribuiu para a formação da identidade paraibana, seja através de sua resistência, adaptação ou integração.

Durante o período colonial, a Paraíba contribuiu na economia e na defesa do território brasileiro, visto que a produção de açúcar era uma das principais atividades econômicas da época, conferindo à região uma importante posição no cenário colonial, especialmente nas capitanias do norte. Conforme Guedes (2013) destaca, a importância da Paraíba nesse contexto foi indispensável, especialmente no período que antecedeu a expansão da colonização para o interior do país.

A presença de engenhos de açúcar e vastas plantações de cana-de-açúcar foi um elemento importante na economia da região, pois, esses engenhos geravam riquezas para os colonizadores, moldavam a organização social e a paisagem da capitania. A produção do açúcar exigia grande quantidade de mão de obra, o que levou ao intenso uso de escravizados africanos, marcando a sociedade e a cultura locais.

Além de sua importância econômica, a Paraíba corroborou na defesa do território brasileiro, tendo em vista que a região foi palco de conflitos, especialmente durante as invasões holandesas no século XVII. Em 1634, os holandeses invadiram e estabeleceram um governo próprio na região, o que representou uma ameaça direta ao domínio português na América do Sul.

A resistência contra a ocupação holandesa culminou na Insurreição Pernambucana, um movimento de grande importância histórica que contou com a participação ativa dos paraibanos. Liderada por figuras emblemáticas como Felipe Camarão e André Vidal de Negreiros, essa revolta foi um marco na luta pela expulsão dos invasores holandeses. Como aponta Mariz (1994), a insurreição foi um momento decisivo para a Paraíba e toda a região nordeste, reafirmando o controle português sobre essas terras.

A expulsão dos holandeses em 1654 foi um acontecimento que reverberou por toda a colônia, redefinindo alianças políticas e reestruturando o poder colonial na região. Desse modo, foi consolidado a influência portuguesa na Paraíba e deixou um legado cultural e histórico que perdura até os dias atuais.

Neste mesmo século, de acordo com Guedes (2013, p. 57):

Já no decorrer do século XVII, em meio às primeiras expedições de exploração ou conquista do sertão norte oriental, este território foi sendo requalificado, de acordo com determinados grupos étnicos e sociais que nele viviam, ou mesmo que passaram a ser associados aquele espaço, notadamente os índios Tapuia.

Já durante o século XVIII, para Silva (2006), houve alguns eventos que valem ser ressaltados, especialmente relacionados à resistência indígena e à dominação do litoral. Ainda neste período, bem como nos séculos passados, os povos indígenas lutaram contra a colonização europeia, tentando proteger suas terras e culturas. Contudo, a expansão colonial acabou por impor uma integração territorial que favoreceu o monopólio europeu, gerando uma crise que se estendeu do século XVII ao XVIII, em que a resistência sempre esteve presente neste período.

Durante o século XVIII-XIV, a pecuária corroborou na conquista dos sertões, visto que os homens seguiram o boi pelos sertões, explorando novas terras e estabelecendo fazendas de gado, em que foi acompanhada de conflitos com os indígenas, que resistiam à invasão de suas terras. A conquista do território paraibano também envolveu o rompimento do Meridiano de Tordesilhas, expandindo as fronteiras coloniais e intensificando os conflitos territoriais (SILVA, 2006).

No século XIX, a Paraíba contribuiu nos movimentos que marcaram o processo de independência do Brasil, com destaque para a Revolução de 1817 e a Confederação do Equador em 1824, nos quais conjecturam o espírito de insatisfação e desejo de autonomia que permeava diversas regiões do Brasil, especialmente no Nordeste (FAUSTO, 2003).

Na perspectiva de Gurjão (2014), em 16 de março de 1817, alguns líderes militares proclamaram a República na Paraíba e formaram uma Junta Governativa composta por revolucionários. Imediatamente após assumir o poder, a junta decretou o fim das Câmaras, ouvidorias e outras instituições da antiga ordem colonial e monárquica. Para o autor, as tropas imperiais, principalmente por via marítima, conseguiram enfraquecer os revolucionários. Recife foi ocupado e, na Paraíba, diante da superioridade das forças realistas, os rebeldes se renderam sob a promessa de anistia.

Tal movimento teve grandes implicações para a história da Paraíba e do Brasil como um todo, refletindo as tensões e descontentamentos locais e cooperando para o desenvolvimento do pensamento político e social no país. As lutas pela independência, autonomia e direitos representativos na Paraíba são partes efetivas da trajetória do Brasil rumo à formação de uma nação que demorou muito a se constituir.



Durante o período imperial, o Nordeste gerou conflitos políticos e sociais, como a Revolta dos Cabanos, em 1832, e a Revolta da Praieira, em 1848, que questionavam o sistema de poder vigente e buscavam melhorias para a população. Lopes (1991, p. 55) a se referir a esse contexto coloca que:

No caso do Nordeste, outros fatores ainda interferiram: a existência de massas pobres e livres, os deserdados do sistema; a escravidão; o declínio das principais exportações como o algodão, fumo e açúcar; a estagnação econômica-social da região o descontentamento dos comerciantes brasileiros e dos latifúndios com o predomínio do comerciante varejista português no mercado urbano, simultaneamente um concorrente e um credor.

No século XX, a Paraíba experimentou um dos períodos mais marcantes de sua história: o governo de João Pessoa, entre 1928 e 1930. João Pessoa foi um governador progressista e implementou uma série de reformas sociais, educacionais e urbanas que transformaram o estado. No entanto, seu governo foi interrompido de forma trágica em 1930, quando foi assassinado, o que contribuiu para a eclosão da Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder (PINTO, 1977).

**Figura 2:** Estado da Paraíba



Fonte: Tribunal de Justiça da Paraíba (2020).

Ao longo das décadas seguintes, a Paraíba passou por transformações políticas, com a industrialização e a modernização do estado, bem como o

desenvolvimento de setores como agricultura, pecuária, turismo e indústria contribuiu para o crescimento econômico da região (CUNHA, 2013).

Dessa forma, por conseguinte, serão explorados os aspectos históricos do município de Sousa, abordando o desenvolvimento da cidade desde suas origens, destacando eventos importantes, influências culturais e transformações econômicas que moldaram Sousa ao longo do tempo. A importância histórica do município será contextualizada dentro do panorama mais amplo da história da Paraíba e do Brasil.

## 2.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO MUNICÍPIO DE SOUSA-PB

Sob uma perspectiva histórica, a cidade de Sousa, na Paraíba, apresenta uma jornada de interação entre o sertão e as áreas litorâneas. Este processo é marcado por eventos que moldaram sua identidade cultural e social.

Segundo registros da escritora sousense Gadelha (1986), um marco importante foi a chegada do Sargento Mor Antônio José da Cunha em 1691, em que desembarcou no território paraibano após enfrentar confrontos por terras com os povos indígenas nos estados vizinhos do Rio Grande do Norte e Ceará.

As interações entre os colonizadores e as comunidades indígenas, infelizmente, não foram pacíficas devido aos conflitos por terras e recursos econômicos. Conforme apresentado por Gadelha (1986), conflitos frequentes resultaram na drástica redução da população indígena local. Os sobreviventes, liderados por Frei João de Matos Serra, encontraram refúgio e reorganização em aldeamentos específicos, um processo que reconfigurou o cenário social e cultural da região.

Em 1708, o Sargento Mor Cunha deu um passo importante ao solicitar uma sesmaria, um pedido que foi atendido pelo governador da época, João da Maia da Gama. Desse modo, este evento simboliza a expansão territorial e o início de uma nova fase de povoamento e desenvolvimento agrícola. A chegada de outros sertanistas, conforme relatado por Guedes (2013), e a subsequente instalação de suas fazendas foram imprescindíveis para o desenvolvimento socioeconômico de Sousa, moldando a paisagem e a estrutura socioeconômica que conhecemos hoje.

As palavras de Gadelha:

[...] descobriu um riacho chamado Peixe, habitado da nação chamada Icó-pequeno, que desagoa no rio das Piranhas, com o qual gentio ele supplicante fizera paz adquirindo-os para isto com muitos resgates, as quaes terras

povoou elle supplicante a 17 annos com mais de 1500 cabeças de gado vaccum e cavallar, sem contradições de pessoa alguma, por isso requeria treis legoas de comprido e uma de largo pelo dito riacho acima, mia legoa para cada banda o dito riacho, começando a inteirar-se da Varzea-grande. (GADELHA, 1986, p. 09).

Na história de Sousa destaca-se a figura do Sargento Antônio José da Cunha, mas ele não foi o único a marcar sua presença nas terras da região. No ano de 1691, diversos sertanistas seguiram seu caminho, estabelecendo-se no território. No entanto, as batalhas subsequentes tiveram um impacto devastador na população indígena local, enquanto o número de portugueses continuava a crescer (GONÇALVES, 2019).

As transformações na região e a chegada de novos habitantes levaram Frei João de Matos Serra a uma ação pertinente: a organização dos indígenas sobreviventes em aldeias, longe do lugar escolhido para a edificação do núcleo, marcando os primeiros passos para a estruturação da futura Vila. Por volta de 1723, os sacerdotes Francisco e Teodósio de Oliveira Ledo chegaram à vila, transferindo a posse das terras para a Casa da Torre da Bahia. Com isso, tornaram-se senhores dos vales formados pelos rios do Peixe e Piranhas.

A ocupação da região se deu de maneira gradual, impulsionada pela agricultura e pecuária. Estes fatores atraíram a atenção de fazendeiros como Bento Freire de Sousa e José Gomes de Sá, que estabeleceram suas fazendas na área. Diante do progresso crescente, Bento Freire, residindo na Fazenda Jardim, decidiu fundar um povoado. Para isso, dirigiu-se à Bahia com o objetivo de obter da Casa da Torre a doação de uma sesmaria, destinando as terras ao patrimônio de Nossa Senhora dos Remédios (TARGINO, 2003).

Bento Freire almejava, com esta ação, ampliar a devoção à Nossa Senhora dos Remédios, futura padroeira da cidade. Por outro lado, o Sargento-Mor José Gomes de Sá buscava expandir seu prestígio nas esferas pública e econômica. Assim, em 1730, com uma população de 1.468 habitantes, foi erigida a primeira capela da região, a Igreja do Rosário dos Pretos, marcando o início do desenvolvimento urbano da cidade (GONÇALVES, 2019).

Após essa importante conquista, Bento Freire comprometeu-se a construir, entre 1730 e 1732, a primeira Capela da Vila em homenagem a Nossa Senhora dos Remédios. Essa capela, conhecida hoje como Igreja do Rosário dos Pretos,

estabeleceu-se como o primeiro núcleo administrativo da "Freguesia de Nossa Senhora dos Remédios do Jardim do Rio do Peixe".

De acordo com Gadelha (1986), a Igreja ficou conhecida dessa forma em virtude da grande quantidade de negros que moravam próximo ao local, os quais possuíam residência em alguns sítios da localidade, como Poço das Pedras, Jerimum, Conceição. Não podemos esquecer que também a presença de pessoas escravizadas compunha essa população negra.

Segundo Ferraz (2011), a origem do patrimônio do Jardim do Rio do Peixe pertencia ao coronel Francisco Dias D'Ávila e sua mãe D. Inácia D' Araújo Pereira, os quais doaram ao patrimônio de Nossa Senhora dos Remédios em 1740, por solicitação de Bento Freire, as referidas terras, contudo oficializado apenas no ano de 1760, após diversos contratemplos.

Nos termos de Sarmiento (2007), para que ocorresse a efetivação da ocupação do sertão era necessário a criação de arraiais e capelas, os quais, de acordo com a jurisdição militar e eclesiástica, seriam a representação do Governo Militar nas novas terras conquistadas. O arraial, de acordo com a visão militar, seria o local onde seria estabelecido o acampamento, já a capela, o local para o culto, representando Deus naquele local. Além disso, os povoados também seriam formados por aldeamentos indígenas, sendo este o local do exercício da função civil e judiciária, muitas vezes representado pela Câmara e pelo pelourinho, cuja instalação ocorria de forma oficial, aprovada pelo Governo (GONÇALVES, 2019).

A capela é o centro do arraial. Ela é o edifício mais imponente, orgulho dos moradores do lugar. Muito frequentemente, é no terreno que lhe foi doado como patrimônio que erguem-se as primeiras casas, onde surge uma praça, onde pouco a pouco delinea-se o traçado das primeiras ruas. [...] o templo constitui o eixo simbólico de uma povoação. Aí se administram os 'bens de salvação' sem os quais o cristão não pode viver nem morrer em paz. Ele é a 'casa de Deus', o espaço sagrado onde imanência e transcendência se comunicam regularmente. Seu entorno, a praça, é o espaço de socialização no qual os habitantes do arraial e os que vêm das redondezas travam contato, fazem as festas do padroeiro e desfilam processionalmente. (MATA, 2002, p.150).

Sobre a construção da capela na cidade de Sorriso, também conhecida como Sousa, Mata (2002, p. 150) afirma que, para a população da época, a capela era considerada um ambiente sagrado, representando a presença de Deus para aquele povoado.

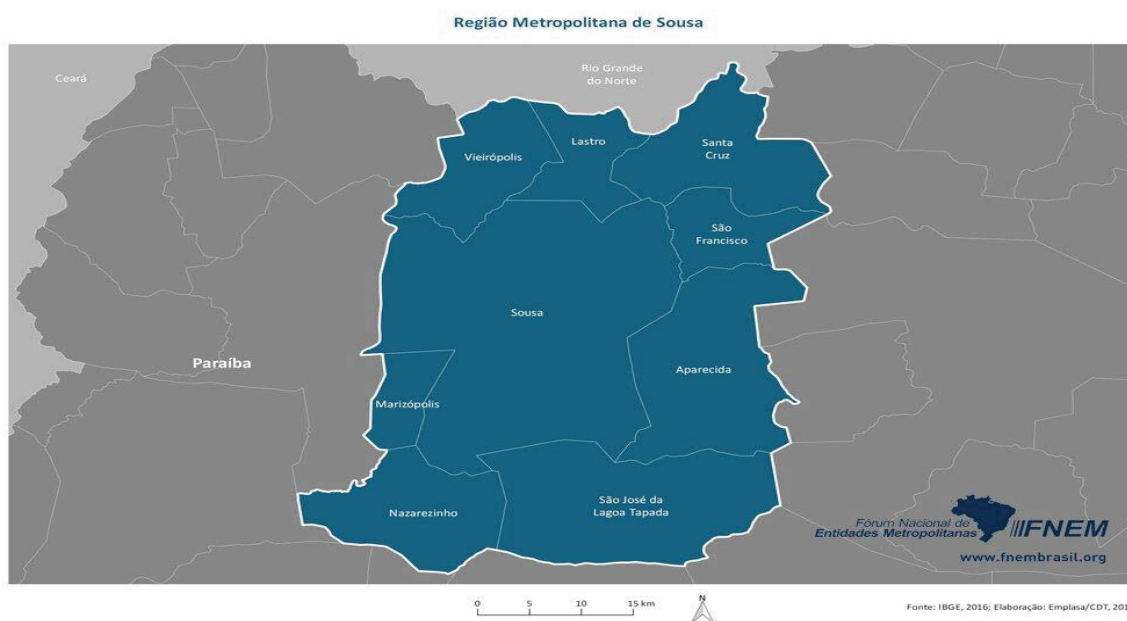
Ela é o edifício mais imponente, orgulho dos moradores do lugar. Muito frequentemente, é no terreno que lhe foi doado como patrimônio que erguem-



se as primeiras casas, onde surge uma praça, onde pouco a pouco delineia-se o traçado das primeiras ruas.

Anos após esse primeiro movimento, mais precisamente em 04 de junho de 1800, o Ouvidor Geral José da Silva Coutinho instala, oficialmente, a Vila Nova de Sousa através de Resolução do então Governador de Pernambuco, datada de 26 de março de 1800, após pleito da comunidade por meio de requerimento encabeçado por Patrício José de Almeida, Matias de Figueiredo Rocha e padre Manoel Vieira da Silva. Um dia antes, o Capitão Alexandre Pereira de Sousa fez uma doação de terras para o patrimônio do crescente povoado. Foi através da Lei nº 28, de 10 de julho de 1854, que a Vila de Sousa foi elevada à categoria de cidade, passando, na oportunidade, a denominar-se Sousa, conhecida hoje por “cidade sorriso”.

**Figura 3:** Região Metropolitana de Sousa-PB



Fonte: Fórum Nacional de Entidades Metropolitanas (2021).

Com o transcorrer do tempo e com as mudanças sociais, na segunda metade do século XIX, a economia se desenvolveu por meio da cultura do algodão, fazendo com que a cidade Sorriso passasse por um intenso processo de urbanização.

Atualmente, o município de Sousa se encontra no sertão paraibano, a cerca de 430 quilômetros da capital da Paraíba, João Pessoa, constituindo-se como um importante polo econômico e cultural da Paraíba, com aproximadamente 70 mil habitantes, de acordo com dados obtidos pelo IBGE em 2021, sendo ainda a maior

cidade da região. Um dos principais pontos quanto às características do município é a sua riqueza paleontológica, além das histórias e paisagens, que atraem turistas de vários lugares do país (ARRUDA, 2023).

Inicialmente, a primeira atividade que começou a ser produzida no território paraibano foi a cana-de-açúcar, tendo em vista a qualidade do solo e clima do local, o que favorecia o seu cultivo. Além disso, havia também a prática da criação de gado. A pecuária foi o principal motivo para a ocupação do interior paraibano no final do século XVII. Quanto aos números, a cidade de Sousa destacava-se entre as cidades que mais possuíam gado (GUEDES, 2013). Contudo, quanto à agricultura de subsistência, ela não se desenvolveu de maneira mais expressiva, principalmente em razão do clima seco.

Um dos ramos que mais impactou a economia da região foi o algodão, conhecido como o “ouro branco”. Este foi o principal produto da economia sousense em meados do século XIX. As condições geográficas do local eram e são bastante favoráveis para o cultivo desse tipo de material. A cotonicultura foi extremamente relevante para a economia brasileira. Assim, como a economia era destinada à exportação, o algodão foi exportado da região Nordeste para a Europa, mais precisamente para a Inglaterra (OLIVEIRA, 2014).

Entretanto, devido à deficiência do sistema de transportes na época, que dificultava a ligação do litoral ao interior, ocasionou a alta dos preços do algodão, gerando uma forte dependência de Pernambuco, fazendo-se necessário a implantação de um sistema de transportes mais eficiente. Contudo, a rede ferroviária só veio a se instalar no município de Sousa em 1926, em razão dos avanços proporcionados pelas inovações tecnológicas que atingiram todo o país, reflexo dos também avanços na Europa e América do Norte. Tal ferrovia ligava a cidade de Sousa ao estado do Ceará, sob a responsabilidade da Rede de Viação Cearense. Entre os benefícios desse meio de transporte estava o incentivo à economia exportadora, o que acabava por facilitar a chegada dos produtos aos portos, aquecendo a economia local (GONÇALVES, 2019).

No próximo tópico, será abordada a religiosidade católica em Sousa, enfatizando a influência e a importância dessa fé na formação cultural e social do município. Serão exploradas as tradições religiosas, as festas e celebrações, além das figuras e instituições religiosas que corroboraram na história e no desenvolvimento da cidade.

## 2.3 SOUSA E A RELIGIOSIDADE CATÓLICA

Conforme o site da Prefeitura Municipal de Sousa (2015), por intermédio da Lei nº 28, de 10 de julho de 1854, é emitida a emancipação política da Cidade Sorriso, também conhecida como a Cidade do Milagre Eucarístico. Nesse sentido, é imprescindível informar a forte influência da fé na cidade de Sousa, sendo marcada por crenças populares em milagres e igrejas históricas, como bem pontuado anteriormente, a Igreja do Rosário dos Pretos que abrigava sobretudo sujeitos escravizados.

A diversidade religiosa em Sousa conjectura um panorama diversificado, ainda que a predominância católica seja marcante, conforme o Quadro 1.

**Quadro 1:** Percentuais de religiões em Sousa

| <b>Categoria</b>           | <b>Em Sousa (%)</b> | <b>Média PB (%)</b> |
|----------------------------|---------------------|---------------------|
| Católica Apostólica Romana | 87.96               | 77.76               |
| Evangélicas                | 8.16                | 14.71               |
| Espírita                   | 0.29                | 0.78                |
| Umbanda e Candomblé        | 0.12                | 0.07                |
| Outras religiosidades      | 0.94                | 1.39                |
| Outras                     | 2.53                | 5.29                |

Fonte: IBGE (2023).

De acordo com dados recentes do IBGE (2023), a religião Católica Apostólica Romana é a mais seguida na região, representando 87,96% da população, um percentual superior à média do estado da Paraíba, que é de 77,76%, assim, reforçando a expressividade dessa tradição e sua relevância cultural e social dentro do município.

Já as religiões evangélicas marcam presença com 8,16% da população, embora estejam um pouco abaixo da média estadual, que é de 14,71%. Outras expressões de fé, como o Espiritismo, com 0,29%, e as religiões de matriz africana, como Umbanda e Candomblé, com 0,12%, embora representem uma parcela menor da população, são importantes por apresentarem a pluralidade religiosa do município. Além dessas, 0,94% da população se identifica com outras religiosidades e 2,53% com outras crenças, que podem incluir desde agnosticismo até religiões menos conhecidas (IBGE, 2023).

Nesta dissertação, embora reconheçamos e valorizemos essa diversidade, pretendemos nos aprofundar um pouco mais na religião Católica Apostólica Romana, explorando suas características, práticas, influências culturais e sociais em Sousa, tendo em vista que impactou de forma mais expressiva nos aspectos históricos. Isso não significa, de forma alguma, diminuir a importância das outras expressões de fé, mas sim, por uma questão de foco.

Diante dos dados apresentados, é relevante destacar brevemente as Igrejas locais. Primeiramente, se apresenta a Igreja do Rosário dos Pretos, situada no largo da Praça da Matriz, intitulada como sendo a primeira igreja da cidade, com características barrocas, sendo o marco do núcleo do povoado formado no Jardim do Rio do Peixe. As pinturas internas da Igreja foram descobertas em 1965, através de um estudo realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico de Pernambuco e UFPB/PRAC, tratando-se de uma arte secular, sendo assim tombada pelo IPHAN (FERRAZ, 2011).

Nesta senda, as pinturas são antigas, em suposição feitas pelos negros escravos da Irmandade do Rosário ou até mesmo anterior a esta irmandade. Segundo Ferraz (2011), o pintor dos afrescos internos pode ter sido um artista popular da região.

**Figura 4:** Igreja do Rosário dos Pretos



Fonte: Wikimedia (2018).

As escritas pintadas em formas circulares e em latim, juntamente com as representações religiosas expostas por santos com tom de pele escura, são destaques de uma época em que a coroa portuguesa se utilizava dos desbravamentos nas sesmarias para catequizar aqueles considerados por eles “sem religião”.

A Igreja do Rosário é um marco arquitetônico, caracterizando a história da cidade que tinha uma população escravizada bastante expressiva. Experiências como essa mostram uma resistência da população cativa que simbioticamente redimensionou elementos do catolicismo para o imaginário popular com forte ligações com a África.

Devido à construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, a Igreja do Rosário perdeu a condição de Matriz em 1880, passando com isso a fazer parte do domínio da Irmandade dos Pretos. Chama a atenção que essa é a última década da escravidão no Brasil.

Contudo, devido a uma forte tempestade que ocorreu no ano de 2007, a qual ocasionou o desabamento da torre da Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios, a Igreja do Rosário voltou a ser utilizada para as celebrações da Santa Missa, enquanto a Igreja Matriz passava por reformas em sua estrutura, o que demorou cerca de alguns anos.

**Figura 5:** Igreja Nossa Senhora dos Remédios após queda da torre



Fonte: Arquivo pessoal (2000).

Hodiernamente, a Igreja do Rosário ainda é utilizada para diversas celebrações mensais e se encontra sob os cuidados da Irmandade do Santíssimo Sacramento. Sua estrutura externa foi mantida, tendo em vista sua importância histórica e católica, tendo sofrido apenas a realização de alguns reparos no que tange a conservação das pinturas e do piso.

Em relação à Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, é considerada um marco histórico para a cidade, localizada na Praça Bento Freire. Teve sua construção iniciada em 1814 pelo vigário da época, Luís José Correia de Sá, com sua conclusão em 1884. Porém, segundo o que conta Ferraz (2011) em seu livro “Além do Rio: uma fotografia da paisagem urbana Sousa-Paraíba”, as obras da igreja ficaram incompletas e, após várias paralisações e mudanças arquitetônicas na estrutura inicialmente configurada, a matriz só viria a ter sua conclusão em meados de 1942. Foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba, através do Decreto nº 25.030, no dia 13 de maio de 2004.

A história da construção da matriz até a configuração atual foi marcada por grandes desafios expostos à sociedade da época, indo desde ajudar a carregar o material para a obra até a “Campanha dos dez tostões”, com quermesses, rifas e exposições de filmes (FERRAZ, 2011).

As pinturas internas foram feitas pelo artista pernambucano Luiz Gomes Correia, concluindo o painel “A visão de Ezequiel” entre 1956 e 1958, com as figuras dos papas Pio XII. Para terminar o teto, o Cônego Oriel Fernandes contratou um casal húngaro, Américo e Eva Shall, que executou os afrescos com a curiosidade de que a maioria dos rostos dos personagens possui as feições da esposa do pintor húngaro (FERRAZ, 2011).

As inúmeras reformas levaram à demolição dos antigos altares, sepulcros e pinturas originais que possuíam características barrocas, permitindo a elaboração das estruturas hoje existentes internamente à edificação religiosa.

**Figura 6:** Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios de Sousa-PB



Fonte: Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios (2016).

A estrutura firmada até os dias atuais, com características neogóticas, pode ser visualizada de diversos pontos da cidade, destacando-se por ser um marco no tocante à história da cidade e um ponto nodal, referente ao local de encontros para boa parte da população. Pode ser focada principalmente como forma de localização para direcionamento dos moradores e visitantes para a chegada ao centro da cidade, uma vez que a mesma pode ser vista a grandes distâncias, devido à sua majestosa estrutura e dimensão.



As praças localizadas uma a leste (por trás) e outra a oeste (à frente) da edificação são consideradas, além de marco zero da cidade, possuem características de pontos nodais, pela sua utilização como locais de parada e saída de carros e vans para os sítios circunvizinhos e para a cidade de Uiraúna. Sendo assim, durante o dia, possuem um fluxo muito elevado de pessoas advindas de outras cidades e distritos de porte menor.

Voltando a descrição dos aspectos construtivos do catolicismo em Sousa, tem-se ainda a Igreja da Matriz Sant' Ana localizada no bairro da estação. A mesma iniciou sua construção em 1966 e atualmente está passando por modificações estruturais e estéticas. E em construção, como registra a imagem seguinte, a nova matriz de Sant' Ana.

**Figura 7:** Construção da Igreja Matriz de Sant' Ana em Sousa-PB



Fonte: Matriz Sant'Ana (2023).

Diante disto, observa que a fé é um elemento presente perante a sociedade sousense, uma vez, que desde sua origem teve-se a presença do catolicismo, bem como a construção da primeira igreja, que ao transcorrer dos anos foi vista como sendo um ponto de referência para a construção de casas, com base nisso, o centro da cidade é visto ainda como sendo um patrimônio histórico, com a presença de casas que se iniciaram ainda durante a colonização do local.

Para além da importância dos aspectos construtivos das edificações católicas, a presença dos seguidores da Santa Sé é sentida também nas crenças populares que



são difundidas na região. Uma das credulidades mais conhecidas tem a ver com o “milagre eucarístico”.

Consoante Ferraz (2011), em seu livro intitulado “Além do Rio: uma fotografia da paisagem urbana Sousa – Paraíba”, enfatiza que na Praça do Milagre Eucarístico, aproximou-se um homem de pele negra da Sagrada Mesa de Comunhão na atual Igreja do Rosário, no qual ao receber a Sagrada Hóstia, saiu às pressas, despertando a atenção da assembleia religiosa que estava reunida.

Segundo se conta na crença popular, certa feita um pastor que cuidava das ovelhas, notou que elas se encontravam ajoelhadas em círculo em torno de um ponto fixo, momento em que se aproximou e notou que se tratava da hóstia santa. Diante disso, o pastor procurou o padre e lhe informou o acontecido e disse-lhe: "Seu vigário, encontrei Nosso Senhor! Mas como sei que só Vosmecê pode pegar Nele, não trouxe a Hóstia. Vamos depressa, os carneiros ficaram botando sentido!" (GADELHA, 1986).

Segundo Estrela (1994), por um lapso dos primeiros vigários, o Milagre Eucarístico não foi registrado nos primeiros anos de acontecimentos. Complementa a autora que, infelizmente, os primeiros padres se envolviam muito na política, elegendo-se deputados, prefeitos, como o Pe. Luiz Correia de Sá, até liderando a revolução de 1817.

No local onde atualmente está exaltada a imagem do Bom Jesus Eucarístico de Sousa, a população católica acredita que foi encontrada a Sagrada Partícula (hóstia santa) em meio a um largo pasto, estando ao seu redor ovelhas e cordeiros que pareciam resguardar e ao mesmo tempo adorar aquela partícula santa. Na época, o vigário, Padre Luís José Correia de Sá, coletou a Sagrada Partícula, colocando-a no relicário seguindo em procissão para a primitiva Matriz dos Remédios, hoje conhecida como Igreja do Rosário dos Negros.

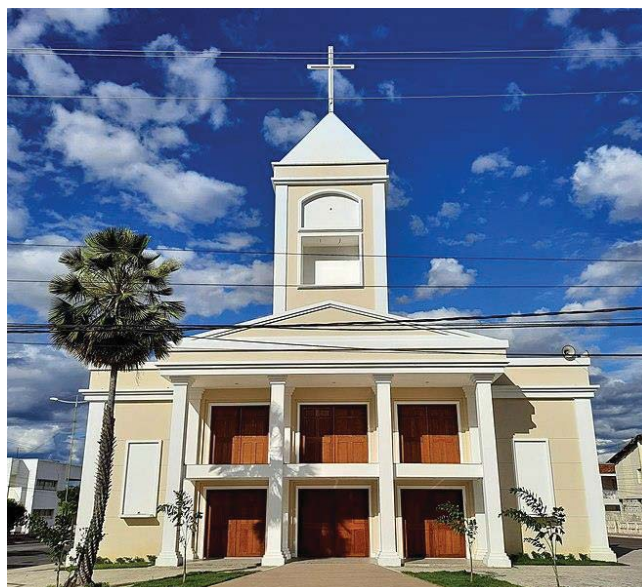
**Figura 8:** Praça do Milagre Eucarístico



Fonte: Portal Notícia Já (2014).

No ano de 1814, o Padre Correia de Sá marcou o local do Milagre Eucarístico de Sousa com uma capelinha de tábuas, mas só em 04 de setembro de 1855 foi lançada a pedra basilar para a construção de uma terceira ermida (no local próximo à atual Igreja), solicitação feita pelo Padre José Antônio Marques da Silva Guimarães (FERRAZ, 2011).

**Figura 9:** Igreja do Bom Jesus Eucarístico em Sousa-PB



Fonte: Wikimedia (2023).

Outro relato importante sobre o Milagre Eucarístico foi dado pelo Padre Dagmar, registrado no livro Tombo da Paróquia: um relato pessoal nos escombros da Velha Matriz do Bom Jesus (ESTRELA, 1994).

Sarmiento Júnior (2019, p. 27) traz em sua dissertação mais detalhes desse acontecimento, que, embora não oficial, possui grade relevância regional:

A cidade também ganhou visibilidade externa em caráter religioso quando do suposto milagre, ocorrido em 1814, fenômeno esse denominado pelo povo como “Milagre Eucarístico de Sousa”. Mesmo não sendo reconhecido de forma efetiva pelas autoridades religiosas o milagre se tornou famoso e começou a chamar a atenção dos fiéis, o que, muito tempo depois, fez com que o turismo religioso começasse a ser explorado na cidade, quando da ascensão de Sousa no sertão da Paraíba. Com o avançar dos anos, algumas figuras religiosas começam a se destacar dentro das demais paróquias, que viriam a se fixar na circunscrição da cidade de Sousa, como a figura de Padre João Cartaxo Rolim, pároco e administrador da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios e o Padre Dagmar Nobre de Almeida, pároco da Paróquia Santuário Eucarístico Bom Jesus Aparecido de Sousa, sendo assim era comum que os frades emissores como o próprio Frei Damião se hospedasse durante a sua estadia nessas paróquias.

Em que pese estar registrado no Livro Tombo da igreja, o relato não pode ser tomado por História, trata-se de uma narrativa carregada de elementos que chegam próximo a construção de mitos.

Tendo em vista o exposto nesta seção, o próximo tópico abordará o ensino da história local na educação básica, explorando como o uso de uma cartilha didática pode contribuir para a compreensão dos estudantes sobre a herança histórica de Sousa. Para isso, a discussão se centrará nas abordagens pedagógicas que podem ser implementadas para tornar o aprendizado mais lúdico, reforçando a conexão dos alunos com sua própria identidade e comunidade.

### **3 O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: CONTRIBUIÇÕES POR MEIO DE UMA CARTILHA DIDÁTICA**

O presente capítulo se dedica ao ensino da história local na educação básica, objetivando explorar as dificuldades do ensino da história local em Sousa e contribuir com a elaboração de uma cartilha didática. Inicialmente, são apresentados os resultados obtidos a partir da aplicação de questionários, os quais foram utilizados para avaliar a necessidade do material didático e identificar possíveis áreas de melhoria.

Em seguida, é descrito o produto educacional propriamente dito, a cartilha da história de Sousa, detalhando os elementos, estrutura, conteúdo e objetivos pedagógicos. A cartilha é analisada como um recurso efetivo, capaz de enriquecer o currículo escolar e promover um maior engajamento dos alunos com a história local.

É válido citar que o objetivo da cartilha é tornar o conteúdo acessível e interessante para as crianças, utilizando uma linguagem com termos mais simples. Com isso, a finalidade é "infantilizar" as informações históricas e de curiosidade, tornando o aprendizado uma experiência lúdica.

#### **3.1 RESULTADOS DA APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS**

Neste capítulo, foi realizada uma breve análise da pesquisa qualitativa voltada à avaliação do ensino de História Local em Sousa/PB. Para tal intento, aplicaram-se entrevistas semiestruturadas, envolvendo 8 (oito) educadores e estudiosos do município. Essa abordagem metodológica se mostrou importante para a compreensão dos desafios e das potencialidades encontradas na prática pedagógica desses educadores, proporcionando uma visão contextualizada da situação.

Nesse caminho, percebe-se, a partir dos relatos e nas reflexões desses profissionais comprometidos, um mapeamento das estratégias pedagógicas, das lacunas, da estrutura curricular vigente e das perspectivas que permeiam o ensino da história local, conforme o Quadro 2, no qual resumo os principais pontos relatados.

**Quadro 2:** Principais pontos abordados sobre o ensino de história em Sousa, PB

| <b>Aspecto</b>                                 | <b>Descrição</b>   |
|--|--|
| <b>Início do ensino de História Local</b>      | A partir do 3º ano do ensino fundamental.  |
| <b>Material didático</b>                       | Inexistência de material oficial específico, levando à improvisação por parte dos professores e destacando a escassez de recursos dedicados à história local.                                |
| <b>Desafios identificados</b>                  | Necessidade de investimento e suporte para enriquecimento das aulas, como exemplo, materiais didáticos.  |
| <b>Importância do ensino de História Local</b> | Construção de consciência crítica, formação de cidadãos comprometidos, promoção do conhecimento sobre a comunidade e região, e desenvolvimento de habilidades de pesquisa e análise crítica. |
| <b>Estratégias sugeridas</b>                   | Elaboração de materiais didáticos específicos, valorização e preservação dos pontos turísticos, utilização de recursos digitais e produção de filmes/documentários.                          |
| <b>Conscientização cultural</b>                | Importância do estudo dos ancestrais, cultura indígena, e povos africanos escravizados para uma compreensão mais ampla da história local.  |
| <b>Percepção dos professores</b>               | Tratamento superficial de temas locais, necessidade de maior destaque e profundidade no currículo escolar, e a importância da inclusão efetiva da história local no ensino.                  |
| <b>Propostas de melhoria</b>                   | Revisão e adaptação de currículos e materiais didáticos, fortalecimento do material existente, e inclusão de novas mídias. Avaliação contínua do   |

|  |  |
|--|--|
|  | ensino de História Local, foco na capacitação dos professores.   |
| <b>Iniciativas para promover a cidadania local</b> | Elaboração de material instrucional na forma de cartilha sobre a História Local, implementação de projetos escolares com envolvimento comunitário, e colaboração com especialistas locais. |

Fonte: Autor (2024). Elaborado a partir dos relatos dos professores.

Consoante o Quadro 2, de uma forma geral, as narrativas despontaram um cenário onde se misturam as experiências pessoais, as demandas curriculares e as peculiaridades regionais, ressaltando os pontos turísticos, destacando a riqueza de saberes e a complexidade inerente a essa prática educativa.

Os primeiros resultados indicam que o ensino da história local é iniciado a partir do 3º ano do ensino fundamental. Nesse sentido, a BNCC orienta uma introdução progressiva aos conceitos históricos, onde nos anos iniciais do ensino fundamental, o foco é o conhecimento do ambiente imediato do aluno, incluindo sua família e comunidade, preparando o terreno para uma exploração da história local, momento em que os alunos já possuem maior desenvolvimento cognitivo para compreender e valorizar as narrativas históricas do seu entorno (BRASIL, 2017).

Nos anos posteriores, especialmente a partir do 6º ano do ensino fundamental até o ensino médio, a BNCC propõe que o ensino de história amplie o escopo para compreender aspectos nacionais e globais, sem perder de vista a importância da dimensão local (BRASIL, 2017).

Em continuidade, ao indagar sobre a utilização de material oficial para o ensino da matéria, todos os entrevistados destacaram a inexistência de um material específico, evidenciando frequentemente que os livros/apostilas são improvisados pelos próprios professores. Assim, é demonstrado a escassez de materiais didáticos dedicados ao estudo da história local, evidenciando a necessidade premente de investimentos e suporte por parte das instâncias responsáveis a fim de proporcionar aos professores ferramentas adequadas para o enriquecimento das aulas e,

consequentemente, para o engajamento dos estudantes com a história de sua própria comunidade.

Este quadro instiga reflexões sobre as políticas educacionais necessárias para valorizar e incentivar o estudo da história local, elemento importante para a construção de um entendimento do contexto histórico em que o discente está inserido e para a formação de cidadãos comprometidos com a preservação e compreensão do patrimônio cultural de Sousa/PB.

Essas observações ressaltam também a importância de um currículo que inclua o ensino de história local, pois, além de promover o conhecimento sobre a própria comunidade e região. A interação ativa dos alunos com o conteúdo histórico local, seja por meio de pesquisas independentes ou discussões em sala de aula, demonstra um engajamento com a matéria, que ultrapassa a mera absorção passiva de informações.

Os entrevistados, conscientes dessa lacuna, sugerem algumas estratégias potencialmente diligentes para superar esses desafios. Entre as soluções propostas, destaca-se a elaboração de materiais que abordem a evolução histórica do município de Sousa, incluindo os aspectos cronológicos e a análise de eventos e personalidades que moldaram a história local.

Um outro aspecto importante destacado pelos entrevistados é a conscientização sobre a valorização e preservação dos pontos turísticos da cidade, levando em consideração que esta perspectiva fortalece a identidade cultural local e fomenta a educação patrimonial, estimulando os alunos a reconhecerem e a preservarem o rico legado histórico e cultural de sua comunidade.

Essa abordagem desperta o interesse dos estudantes pelos atrativos locais e os engaja ativamente na proteção e na divulgação do patrimônio histórico de Sousa/PB, contribuindo assim para uma relação mais íntima e consciente com o ambiente em que vivem.

Adicionalmente, a disponibilização virtual desses materiais é vista como um recurso importante para democratizar o acesso à informação e complementar o aprendizado em sala de aula. Esta estratégia se alinha com as tendências contemporâneas de educação, que cada vez mais incorporam recursos digitais no processo de ensino-aprendizagem.

A produção de filmes e documentários sobre a história local é sugerida pelos entrevistados como uma forma de oferecer um estudo mais amplo e dinâmico da



história de Sousa. Esses recursos audiovisuais podem servir como ferramentas pedagógicas capazes de engajar os alunos e proporcionar uma maior compreensão dos temas abordados.

Apesar dos desafios previamente mencionados, os entrevistados, por meio da entrevista, demonstram um notável entusiasmo em relação à potencial criação de uma cartilha educativa, desenvolvida a partir das informações e dados coletados durante a pesquisa sobre o município de Sousa. Esta cartilha, concebida como um recurso didático, tem o potencial de ser um instrumento importante para a educação histórica e cultural local.

Um dos entrevistados, em particular, enfatiza a importância da disseminação dessa cartilha, destacando a necessidade de que ela seja amplamente divulgada e compartilhada com as instituições educacionais, redes pública e privada, na cidade de Sousa. A proposição dessa cartilha como recurso didático visa enriquecer o conhecimento dos alunos sobre a história e a cultura de sua localidade, fomentar uma maior consciência e apreço por seu patrimônio histórico e cultural.

Neste interim, um dos professores entrevistados anotou que: “É imprescindível o estudo do tema dos ancestrais na história local, como as famílias que habitavam a época, assim como o estudo dos dinossauros, que há milhões de anos fizeram parte da história local”.

Em Sousa, as pegadas de dinossauros encontradas no Vale dos Dinossauros encantam as crianças, por isso é importante estar presente em materiais didáticos, visto que faz parte do cotidiano das crianças. Essas marcas históricas devem ser utilizadas como recursos educativos, promovendo também excursões ao sítio arqueológico, oferecendo às crianças uma maneira divertida e prática de aprender sobre a pré-história e sua relevância para a região.

Além das visitas escolares, os dinossauros influenciam o cotidiano das crianças através de diversas atividades culturais e recreativas. Dessa maneira, esse contato contínuo com a era dos dinossauros alimenta a imaginação infantil e incentiva o interesse pela História Local, reforçando a identidade cultural de Sousa.

Igualmente, é preciso destacar a importância da cultura indígena e dos povos africanos escravizados na formação histórica e cultural do local, haja vista que a história não estaria completa sem o reconhecimento das contribuições e resistências desses povos, que moldaram de maneira indelével a identidade e o patrimônio cultural da região.



Ademais, é relevante destacar a observação feita por um dos entrevistados, que aponta para uma questão crítica no contexto educacional do município de Sousa. Conforme relatado, os temas locais são frequentemente tratados de maneira superficial pelos professores no ambiente escolar. Este fato é preocupante, visto que a abordagem superficial de temas tão necessários pode resultar em uma compreensão limitada por parte dos alunos sobre a história e a cultura de sua própria localidade.

Um dos professores entrevistados ainda acrescenta que os materiais didáticos, incluindo livros e outros recursos, geralmente seguem um padrão que prioriza a história nacional. Embora em algumas ocasiões temas regionais sejam abordados, estes não recebem o mesmo destaque ou profundidade.

Isso coloca uma responsabilidade adicional sobre os professores, que são encarregados de criar, falar e apresentar a história local, conforme seu interesse pessoal e motivação. Tal cenário sugere a existência de uma lacuna no currículo escolar, onde a história local, apesar de sua inegável importância, não recebe a atenção adequada.

Esta situação espelha uma problemática mais ampla no sistema educacional, onde a padronização dos materiais didáticos pode, inadvertidamente, marginalizar aspectos essenciais da história e cultura locais. Os educadores fazem escolhas sobre o que ensinar e o que não será abordado, o que pode sobrecarregar os educadores, tendo em vista a carga horária de trabalho e a escassez de materiais e conteúdo na internet sobre o assunto.

Dessa maneira, é importante refletir sobre a necessidade de integrar de maneira estruturada esses conteúdos nos currículos oficiais para assegurar uma formação histórica mais representativa.

É, portanto, essencial que haja uma revisão e uma adaptação dos currículos e dos materiais didáticos para integrar de forma mais efetiva a história e a cultura locais. Esta integração não deve ser deixada à discrição individual dos professores, mas sim ser parte integrante e obrigatória do currículo escolar. Em adição, é importante oferecer aos professores os recursos e o treinamento necessários para abordar esses temas de forma adequada e envolvente.

Na perspectiva apresentada pelos entrevistados, ressalta-se a fundamental importância do ensino de história local no processo de construção da cidadania. Esta percepção aponta para uma compreensão mais ampla sobre a função educacional,

não se limitando tão-somente à transmissão de conhecimento, bem como visando à formação de indivíduos conscientes de sua identidade e atuação enquanto membros de uma comunidade.

Conforme observado pelos entrevistados, há uma necessidade premente de fortalecer o material didático já existente, complementando-o com a produção de novas mídias que abordem a história de Sousa. Esta abordagem não se restringe à simples adição de conteúdo, mas implica em uma revisão crítica do material disponível, visando identificar lacunas e deficiências que possam ser superadas através de novos recursos educativos. A inclusão de diferentes mídias, como vídeos, documentários e plataformas digitais interativas, pode enriquecer o aprendizado, tornando-o mais atraente e relevante para os alunos.

Por conseguinte, destaca-se a relevância de uma avaliação criteriosa do ensino da história local, analisando suas nuances e particularidades. Este processo de avaliação deve ser contínuo, envolvendo a revisão dos conteúdos e materiais didáticos, bem como a metodologia de ensino e a capacitação dos professores. É necessário que os educadores estejam preparados e motivados para abordar a história local de maneira engajadora, incentivando nos alunos o interesse e o reconhecimento da importância de seu patrimônio histórico e cultural.

Assim sendo, ao término deste processo de avaliação e revisão, torna-se importante a proposição de medidas mitigadoras e estratégias, inclusive aquelas sugeridas pelos entrevistados, visando viabilizar e promover a cidadania local.

Tais ações podem englobar a elaboração de material instrucional específico sobre a história local de Sousa/PB, a implementação de projetos escolares que envolvam a comunidade local, a organização de visitas aos pontos históricos e culturais do município e a colaboração com historiadores e especialistas locais para enriquecer o conteúdo das aulas.

Desta forma, as iniciativas supramencionadas enriquecerão o ensino da história local e contribuirão para o fortalecimento do vínculo dos estudantes com sua cidade, incentivando o senso de pertencimento e a valorização do patrimônio cultural e histórico de Sousa/PB.

Na próxima seção, será apresentado os resultados da aplicação dos questionários, abordando a análise qualitativa das entrevistas realizadas com educadores de Sousa. Assim sendo, o foco será na avaliação das práticas pedagógicas, problemas e estratégias para o ensino da história local, em que a análise

dos relatos oferecerá uma compreensão das lacunas existentes, fornecendo informações para o desenvolvimento da cartilha educacional.

### 3.2 PRODUTO EDUCACIONAL – CARTILHA DA HISTÓRIA DE SOUSA

Possuindo o mesmo objetivo de Neves (2022, p. 48), “estamos trabalhando para buscar desenvolver um conteúdo didático para ser ministrado em sala de aula, não como um material a ser reproduzido, mas que sirva de suporte para outros, podendo ser aperfeiçoado”

Diante desse contexto, a cartilha desenvolvida como produto educacional desta dissertação foi voltada especificamente para crianças do ensino fundamental. Assim, foi necessário utilizar uma linguagem simples e leve, adequada à faixa etária dos alunos, de modo a facilitar a compreensão e manter o interesse das crianças ao longo da leitura.

Entendendo que a história local pode ser um tema denso e, muitas vezes, repleto de detalhes que podem parecer abstratos ou distantes para os jovens estudantes (especialmente com muitos nomes de pessoas, lugares e termos difíceis), a cartilha foi planejada para ser acessível e atraente. Para isso, foram empregadas algumas estratégias que visam informar e ao mesmo tempo engajar os alunos de maneira interativa.

Uma das principais características da cartilha é a inclusão de representações gráficas por meio de imagens, ilustrações e gráficos coloridos, os quais contribuem na contextualização dos conteúdos, tornando a aprendizagem visualmente estimulante e ajudando a materializar conceitos históricos e culturais, permitindo que as crianças visualizem os personagens, eventos e locais da história de Sousa.

Um ponto inovador foi a inserção de QR-codes ao longo do material, buscando oferecer a possibilidade de aprofundamento do conteúdo, direcionando os alunos para vídeos no *Youtube*, páginas de conteúdo histórico no *Google*, entrevistas e outros recursos multimídia que complementam e expandem o que é apresentado na cartilha, tendo em vista que o objetivo da cartilha não é abordar todas as informações, pois não seria algo interessante para o público-alvo.

Desse modo, esta integração de tecnologias modernas torna o aprendizado mais interativo e desperta a curiosidade das crianças, incentivando-as a explorar mais sobre sua própria história local.

A estrutura textual da cartilha também foi pensada para ser interativa e envolvente. Dessa maneira, optou-se por apresentar o conteúdo em um formato muitas vezes de perguntas e respostas, que simula um diálogo entre o material e os leitores, assim, facilitando a assimilação das informações, pois promove um aprendizado ativo, onde as crianças podem se sentir parte da narrativa, questionando e descobrindo respostas ao longo do processo de leitura.

Dessa forma, buscou-se concordar com o entendimento de Silveira e Costa (2020, p. 1), que:

Em sala de aula, há crianças que expressam dificuldade em compreender fatos explicados verbalmente pelo professor, ou apenas pelas leituras de textos [...]. Quando se trata de recortes específicos da História, a exemplo da História da Paraíba, esse processo educacional pode ser ainda dificultado pela escassez de materiais acessíveis para os alunos. Assim, a elaboração de materiais instrucionais pode orientar estudantes e oferecer recursos que promovam uma melhor visualização, imersão e compreensão do conteúdo a ser estudado. Nesse sentido, as animações interativas vêm conquistando cada vez mais espaço no cenário educacional atual, pois permitem aos alunos um olhar diferenciado, rico em detalhes e ponto de vista a partir de outras perspectivas, onde é possível controlar a velocidade do seu avanço, auxiliando a compreensão do conteúdo.

Cada seção da cartilha foi elaborada para abordar diferentes aspectos da história local, com marco inicial a época dos dinossauros. Assim, as perguntas foram formuladas de maneira a instigar a curiosidade e estimular o entendimento, enquanto as respostas são diretas e claras, proporcionando informações precisas e facilmente compreensíveis.

Inicialmente, a cartilha introduz as crianças ao mundo dos dinossauros que habitaram a região de Sousa, objetivando despertar a curiosidade dos alunos sobre a pré-história local já na capa e nas primeiras páginas da cartilha, conforme a seguir, utilizando imagens ilustrativas e descrições simples para explicar a importância das pegadas fossilizadas encontradas no local.

Posteriormente, o texto aborda a cultura dos povos indígenas que habitaram a região antes da chegada dos europeus, onde é destacado sua resistência ao longo de vários séculos.

Continuando, a cartilha também aborda o período das grandes navegações, explorando o impacto da chegada dos colonizadores europeus ao Brasil, especialmente na região de Sousa, utilizando representações gráficas para facilitar a compreensão dos alunos sobre esse momento histórico, que possivelmente estão

estudando ou já estudaram no cenário brasileiro, mas não possuem conhecimento de como ocorreu na Paraíba.

A sequência lógica leva ao detalhamento da organização administrativa do Brasil colonial e a criação das Capitanias Hereditárias, objetivando explicar sobre como funcionava esse sistema administrativo, algo importante para entender a influência europeia na formação da cidade de Sousa.

Logo após, o texto aborda o processo de ocupação e desenvolvimento do interior paraibano, incluindo a cidade de Sousa. Este capítulo apresenta os desafios e conquistas dos primeiros habitantes, conectando as transformações ocorridas ao longo do tempo com o presente. Em continuidade, a cartilha explora o desenvolvimento econômico da região, como a agricultura, pecuária e as práticas econômicas atuais, buscando apresentar como as atividades econômicas moldaram e continuam a influenciar a vida em Sousa.

Para enriquecer ainda mais o conteúdo, a cartilha apresenta a importância da religião na formação cultural e social da cidade, abordando as diferentes manifestações religiosas presentes ao longo dos séculos, explicando a influência dessas práticas na comunidade local.

Ao final, o capítulo reúne diversas informações interessantes sobre a história de Sousa, apresentando fatos que poucos possuem conhecimento, até mesmo os adultos da região, e não estão necessariamente nos livros didáticos tradicionais. Logo, o objetivo é finalizar a cartilha de forma leve, incentivando os alunos a explorarem ainda mais sobre sua própria cidade.

Agora, nesta etapa da dissertação, é importante apresentar a cartilha elaborada e aprofundar em cada elemento, buscando destacar a importância dos aspectos apresentados para o ensino de História Local na Paraíba.

A cartilha possui como título "Explorando a História de Sousa: Uma Jornada pela Terra dos Dinossauros". Desde a capa, ilustrada com um dinossauro amigável e colorido, o material já busca despertar o entusiasmo dos jovens, pois, essa escolha estética é decorativa e estratégica, pois utiliza elementos visuais atrativos para tornar o aprendizado mais lúdico.

A seguir, são apresentadas, a partir da capa, a cartilha como um todo.

**Figura 10:** Capa de abertura da cartilha

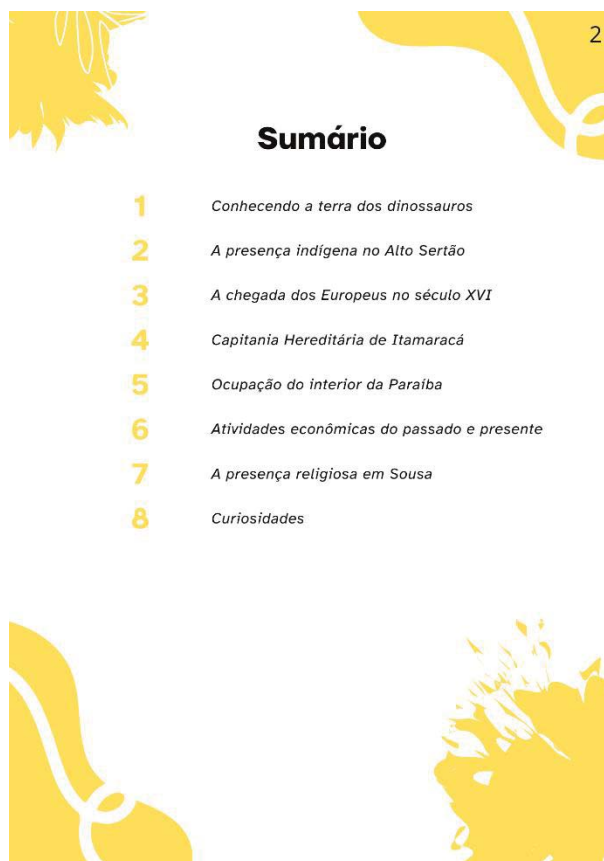


Fonte: Autoria própria (2024).

Ao abrir a cartilha, o aluno irá se deparar com o sumário, que ajuda na estruturação do material, orientando os alunos e professores sobre os conteúdos que serão abordados. Para os alunos do ensino fundamental, o sumário serve como um mapa que os guia os assuntos e permite que as crianças antecipem os temas que serão explorados e se familiarizem com a sequência lógica dos assuntos, facilitando uma melhor organização mental das informações.

Já para os professores, permite que planejem suas aulas de maneira mais efetiva, pois, com ele, os educadores podem identificar rapidamente os tópicos abordados e preparar atividades complementares que reforcem o aprendizado, especialmente pelo fato que a presente cartilha não deve e nem se propõe a ser material único, mas sim complementar, pelo fato que não se busca apresentar os conteúdos de forma exaustiva.

Figura 11: Sumário



|                |  |
|----------------|--|
|                | 2  |
| <b>Sumário</b> |  |
| 1              | <i>Conhecendo a terra dos dinossauros</i>          |
| 2              | <i>A presença indígena no Alto Sertão</i>          |
| 3              | <i>A chegada dos Europeus no século XVI</i>        |
| 4              | <i>Capitania Hereditária de Itamaracá</i>          |
| 5              | <i>Ocupação do interior da Paraíba</i>             |
| 6              | <i>Atividades econômicas do passado e presente</i> |
| 7              | <i>A presença religiosa em Sousa</i>               |
| 8              | <i>Curiosidades</i>                                |

Fonte: Autoria própria (2024).

Dando prosseguimento, nas páginas iniciais, a cartilha utiliza uma combinação de texto e representações gráficas para explicar conceitos considerados difíceis para crianças de maneira acessível. Por exemplo, a introdução ao tema dos dinossauros que habitaram a região de Sousa é ilustrada com desenhos coloridos, que ajudam a visualizar a época pré-histórica, facilitando a compreensão dos alunos e torna o aprendizado mais interessante (página 3).

A linguagem utilizada é simples e direta, adequada ao nível de entendimento das crianças, principalmente por meio de frases curtas e perguntas diretas, como "Você sabia que Sousa é mundialmente conhecida por seu rico patrimônio paleontológico?", estimulando a curiosidade e incentivando a participação ativa dos alunos no aprendizado.

**Figura 12:** Apresentação inicial sobre Sousa

Fonte: Autoria própria (2024).

Além do mais, a cartilha apresenta a importância da presença indígena no Alto Sertão antes da chegada dos europeus, a qual aborda o assunto com ilustrações de personagens indígenas e de suas habitações, proporcionando uma representação visual (página 4). Corroborando com as representações, as descrições textuais são complementadas por histórias e fatos que ilustram a vida e as contribuições desses povos, enriquecendo o conhecimento dos alunos sobre a diversidade cultural da região.

Conforme citado anteriormente, outro aspecto da cartilha é a incorporação de *QR-codes*, que permitem aos alunos acessarem conteúdos adicionais online, assim, oferecendo uma oportunidade a mais para que os alunos aprofundem seus conhecimentos de forma interativa. Para isso, ao escanear os códigos, os alunos podem visualizar vídeos, acessar documentários e obter informações que ampliam o aprendizado além do material impresso que não é não busca ser exaustivo.



Figura 13: História das tribos indígenas potiguaras e tabajaras no Alto Sertão

4

### A Presença Indígena no Alto Sertão

Antes da chegada dos europeus, as tribos indígenas potiguaras e tabajaras viviam aqui. Elas contribuíram na formação da história e da cultura local. Você sabia disso? poderia imaginar como era a vida aqui antes da nossa era?



**Poucos sabem dessa história.** Há muito tempo, essa região foi palco de conflitos entre os indígenas e os exploradores portugueses. Os indígenas da Paraíba, como os potiguaras e tabajaras, lutaram com muita coragem para proteger suas terras.



Numa aldeia chamada Cupaóba, queriam recuperar um lugar chamado Iratembé. Então, eles reuniram um grupo de 2.000 indígenas. Eles foram até um lugar chamado Tracunhaém para enfrentar os que tinham ocupado suas terras. Lá, aconteceu um grande conflito no engenho. Com isso, apenas duas pessoas dessa família escaparam.

Fonte: Autoria própria (2024).


A narrativa sobre a chegada dos europeus no século XVI é apresentada de forma cronológica, utilizando uma linha do tempo que facilita a visualização dos eventos históricos (página 5). Este recurso gráfico é combinado com textos curtos e diretos, ajudando os alunos a entenderem a sequência dos acontecimentos e a importância de cada evento na história local.

**Figura 14:** Expedições europeias no século XVI e confrontos com indígenas

5

## A chegada dos europeus no século XVI

Há muito tempo, várias expedições tentaram conquistar a Paraíba, cada uma com seus desafios. Em 1574, ocorreu a primeira tentativa, mas foi surpreendido por uma armadilha indígena e teve que voltar para Pernambuco. No ano seguinte, D. Luís de Brito enfrentou ventos fortes que o impediram de chegar à Paraíba.







**1582:** Frutuoso Barbosa tentou novamente, mas caiu em uma armadilha de grupos indígenas e franceses, perdendo seu filho no conflito.

**1579:** O capitão Frutuoso Barbosa tentou governar a região, mas uma tempestade o forçou a retornar a Portugal. Assim, ele tentou chegar a Paraíba e em alto mar e uma tempestade impediu

**1584:** Frutuoso Barbosa retornou, expulsando os franceses, conquistando a Paraíba e construindo os fortes de São Tiago e São Filipe.



Conheça um pouco mais da história



Fonte: Autoria própria (2024).

Posteriormente, nas páginas que discutem a Capitania Hereditária de Itamaracá, a presença de diagramas explicativos sobre a divisão territorial feita pelo rei de Portugal ajuda os alunos a entenderem como essas capitanias foram estruturadas e a importância delas na colonização do Brasil (página 6 e 7). A linguagem simples e comparações, como a analogia do "grande bolo", facilitam a compreensão de conceitos que os alunos podem não ter visto ainda ou não se lembrarem, buscando manter o engajamento dos alunos e garantir que eles absorvam o conteúdo.

**Figura 15:** Presença de Sousa na Capitania Hereditária de Itamaracá

6

### Sousa já foi parte da Capitania Hereditária de Itamaracá!

Ainda em relação a história de Sousa, você sabia que a região de Sousa já foi parte da Capitania Hereditária de Itamaracá?



Imagine que o Brasil, há muito tempo atrás, era como um grande bolo ocupado por tribos indígenas. O rei de Portugal decidiu cortar esse bolo em várias fatias grandes. Essas fatias são o que chamamos de capitâncias hereditárias. O rei então escolheu algumas pessoas, geralmente amigos ou pessoas importantes, e deu a cada uma delas uma fatia desse bolo, ou seja, uma capitania. Essas pessoas ficaram conhecidas como donatários.

Em Sousa e cidades vizinhas, ainda existem vestígios das capitâncias hereditárias, especialmente visíveis na produção de cana-de-açúcar. A prática agrícola e os métodos de cultivo permanecem semelhantes aos utilizados no passado, demonstrando como as tradições agrícolas das capitâncias hereditárias influenciaram até hoje a economia local e o modo de vida dos habitantes.

Fonte: Autoria própria (2024).

Outro destaque é a forma como a cartilha explica a ocupação do interior da Paraíba, pois é utilizando ilustrações de elementos agrícolas e personagens históricos, contextualizando a busca por metais preciosos e terras para agricultura, aspectos que foram determinantes para a colonização da região. A inclusão de perguntas diretas ao leitor, como "Você consegue imaginar como ocorreu a ocupação do interior da Paraíba?", estimula o pensamento crítico e a participação ativa dos alunos, podendo ser benéfico para manter o interesse dos estudantes e facilitar a retenção das informações.

Figura 16: Explicação sobre a criação das capitânicas hereditárias



Fonte: Autoria própria (2024).

Na construção da cartilha, buscou-se seguir as recomendações da neuroaprendizagem. Conforme explica Padovani (2012, p. 126):

Do ponto de vista do aprendizado, as representações gráficas também devem cumprir funções psicológicas. O aprendizado se baseia na transformação de informação nova proveniente do ambiente em informação na memória de longa duração [...] o aprendizado ocorre quando um novo conteúdo retido de forma visual e fonética na memória de trabalho é integrado.

Em seguida, os desafios enfrentados pelos colonizadores, como a resistência indígena e as dificuldades ambientais, são apresentados de maneira que os alunos possam se relacionar e pensar sobre as dificuldades desses processos históricos. Para melhor entendimento, as ilustrações de aldeias indígenas e os relatos de conflitos são importantes para humanizar a história e permitir que os alunos compreendam a perspectiva dos diferentes grupos envolvidos (página 8).

**Figura 17:** Processo de colonização do interior da Paraíba

### **Você consegue imaginar como ocorreu a ocupação do interior da Paraíba?**

8

Durante o período colonial, a busca por metais preciosos e terras adequadas para agricultura e criação de gado levou a uma intensa exploração do interior da Paraíba. A catequização dos indígenas também era um grande foco.



Os primeiros colonizadores enfrentaram grandes desafios, desde resistência indígena, pois eram os povos que já estavam aqui antes dos europeus, até a dificuldade em adaptar-se ao clima e ao ambiente. Você consegue pensar em como esses desafios moldaram a região como conhecemos hoje?



Fonte: Autoria própria (2024).

Nas páginas subsequentes, a cartilha apresenta com maior profundidade os problemas enfrentados pelos colonizadores e as atividades econômicas que moldaram a região.

A página que discute as dificuldades encontradas pelos colonizadores apresenta ilustrações e os ícones de verificação ajudam a destacar pontos importantes, como a resistência dos povos indígenas e as diferenças climáticas e ambientais, tornando a informação mais “digestível” e atrativa para os alunos, permitindo que eles compreendam melhor essa questão. Em destaque, a divisão clara entre descrição e consequência ajuda os alunos a fazerem conexões lógicas e entender o impacto de cada fator histórico (página 9).

**Figura 18:** Explicação dos desafios enfrentados pelos colonizadores na Paraíba

9

## Então os colonizadores enfrentaram muitas dificuldades, né?

- **Resistência dos povos indígenas**



**Descrição:** os povos indígenas já viviam nessas terras há muito tempo e, com a chegada dos europeus, defenderam-se para proteger suas terras e seu modo de vida. Ou seja, os indígenas estavam se protegendo e resguardando seu lar.


- 

**Consequência:** a região manteve algumas características culturais indígenas, que se misturaram com as novas influências europeias.
- **Diferenças climáticas e ambientais**



**Descrição:** o clima e o ambiente da Paraíba eram muito diferentes do que os colonizadores estavam acostumados na Europa.


- 

**Consequência:** os colonizadores tiveram que aprender novas formas de cultivar alimentos, construir casas e adaptar-se ao novo ambiente para viver de maneira geral.

Fonte: Autoria própria (2024).

Dando prosseguimento, a cartilha aborda as atividades econômicas que tiveram sucesso na região de Sousa em determinado período. Para isso, é utilizado uma linha do tempo estilizada com ícones representando diferentes fases econômicas, assim, facilitando a visualização da evolução econômica da região (página 10).

A utilização de *QR-codes* nesta seção permite que os alunos acessem informações adicionais sobre a produção de coco e algodão, engajando-os de maneira mais ativa na pesquisa e direcionando os alunos para vídeos curtos e práticos, que transmitem as informações de forma leve, facilitando a assimilação dos conteúdos necessários.

Figura 19: Desenvolvimento econômico de Sousa

**Nesse processo de colonização,  
quais atividades econômicas  
deram certo na região?** <sup>10</sup>

A economia de Sousa passou por várias fases. Inicialmente, durante o século XIX, o algodão, conhecido como o "ouro branco", dominava a economia local.

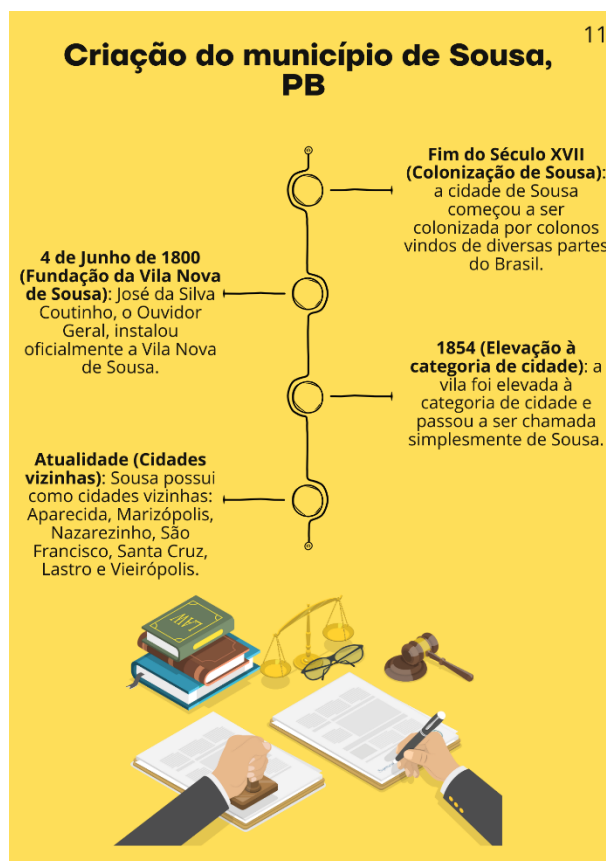
Mais tarde, a cidade também se destacou na produção de laticínios e coco. Infelizmente, a estiagem reduziu drasticamente a produção de coco.



Fonte: Autoria própria (2024).

A cartilha ainda explora a criação do município de Sousa, utilizando uma linha do tempo vertical ilustrada que guia os alunos através dos eventos históricos mais importantes. As datas e eventos são apresentados de maneira simplificada, facilitando a compreensão da evolução administrativa e territorial da cidade. A inclusão da ilustração da balança representa a fundação e o desenvolvimento de Sousa, contextualizando a história de uma forma que é fácil de seguir e entender (página 11).

**Figura 20:** Discussão sobre a formação e desenvolvimento do município de Sousa



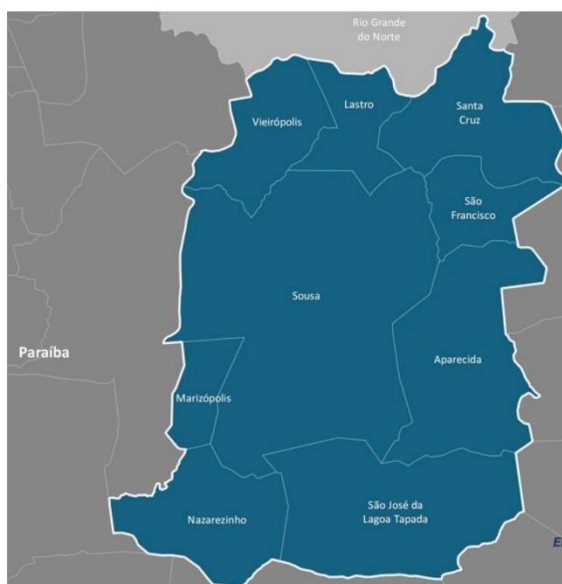
Fonte: Autoria própria (2024).

Seguindo a lógica de discussão, na parte que apresenta a localização de Sousa, a cartilha utiliza um mapa para contextualizar geograficamente a cidade e suas cidades vizinhas (páginas 12). A inclusão de um QR-code para melhor visualização do mapa permite que os alunos acessem uma versão interativa, ampliando sua compreensão espacial.



**Figura 21:** Mapa de localização de Sousa**Localização de Sousa, PB**

12



Para melhor visualização do mapa,  
acessar o QR-Code



Fonte: Autoria própria (2024).

Em seguida, a cartilha discute a relação entre a fé e a história local (página 13). As ilustrações das igrejas e a narrativa sobre a importância dos milagres eucarísticos na região ajudam a conectar os aspectos religiosos com a história cultural de Sousa, contribuindo a compreensão da relevância dessas instituições religiosas na formação da identidade local. A presença de *QR-codes* nesta seção também facilita o acesso a informações adicionais, permitindo que os alunos explorem mais sobre o turismo religioso em Sousa, algo que possui relação com as questões econômicas e históricas também.

Figura 22: Relação da fé com a história de Sousa

13

### A fé de Sousa está relacionada com a história local

A fé tem um papel importante na história de Sousa. A região abriga várias igrejas históricas e é palco de milagres eucarísticos que reforçam a fé da população local.



Por exemplo, a Igreja do Rosário dos Pretos e a Igreja Matriz de Sant'Ana são centros de devoção e história. Aliás, a referência a Igreja do Rosário dos Pretos nos faz lembrar a presença da mão de obra escravizada com africanos aqui na região. Você já visitou algum lugar que te fez sentir uma conexão especial com a história ou a cultura local?



Conheça um pouco mais sobre o turismo religioso em Sousa



Fonte: Autoria própria (2024).

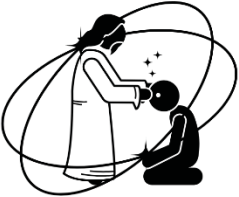
A última página analisada aborda o Milagre Eucarístico de Sousa utilizando uma narrativa com ilustrações que capturam a imaginação dos alunos. A cartilha explica eventos históricos de forma que os alunos possam facilmente seguir e entender. A utilização de perguntas diretas ao leitor, como "Você conhece o Milagre Eucarístico de Sousa?", estimula a curiosidade, incentivando os alunos a se aprofundarem no tema (página 14).

Neste aspecto, uma curiosidade é que a questão do Milagre Eucarístico de Sousa é um tema de grande relevância e muito conhecido na região. Dessa maneira, apesar de ser pouco conhecido em âmbito nacional, possui um forte impacto na identidade cultural e religiosa da comunidade local. Por isso, ele é abordado na cartilha como um elemento para a compreensão da história de Sousa, algo que dificilmente seria abordado em um material generalista fornecido por editoras que não possuem conhecimento sobre a região.

Figura 23: Curiosidade sobre o Milagre Eucarístico

14

### Você conhece o Milagre Eucarístico de Sousa?



Em 25 de março de 1814, na Igreja do Rosário, um homem de pele negra chamou a atenção ao receber a hóstia sagrada durante a missa e sair correndo. Esse evento curioso fez com que todos na igreja ficassem surpresos.

Em outra ocasião, um pastor cuidava de suas ovelhas e notou que as ovelhas estavam ajoelhadas em círculo ao redor de algo no chão. Ao se aproximar, o pastor descobriu que era a hóstia santa. Ele então foi correndo contar ao padre, dizendo: "Seu vigário, encontrei Nosso Senhor! Mas como sei que só Vosmecê pode pegar nele, não trouxe a Hóstia. Vamos depressa, os carneiros ficaram botando sentido!".

Este local sagrado é hoje conhecido pela **imagem do Bom Jesus Eucarístico de Sousa**. Naquela época, o padre Luis José Correia de Sá, recolheu a hóstia sagrada e a levou em procissão até a antiga Matriz dos Remédios, atualmente conhecida como **Igreja do Rosário dos Negros**.

Fonte: Autoria própria (2024).

A *posteriori*, a página 15 aborda curiosidades históricas, como a população de Sousa em comparação com João Pessoa no século XIX, buscando despertar o interesse dos alunos e ajudar a contextualizar a importância histórica de Sousa no cenário regional. Para isso, o uso da representação de crescimento populacional e dados comparativos facilita a visualização das informações, tornando-as mais compreensíveis.

Em seguida (páginas 15 e 16), a cartilha aborda a invasão de Sousa pelo bando de Lampião. Este tema tão pouco debatido na literatura é relevante para a história local e é tratado de maneira que os alunos possam entender a gravidade e o impacto desse evento.


**Figura 24:** Curiosidade sobre a população de Sousa

15

**Curiosidades - você sabia que Sousa já teve uma população maior do que a de João Pessoa?**


Em 1855, a Vila de Sousa possuía uma população de aproximadamente 17.555 habitantes contra 9034 da cidade da Parahyba (atual João Pessoa).

Outro fato curioso, porém, triste, é que Sousa nessa época possuía o maior número de sujeitos escravizados da paraíba, com 3446 pessoas, contra 1387 de sua capital.



**Você sabia que Sousa já foi invadida pelo bando de Lampião?**

No dia 27 de julho de 1924, a turma liderada pelo cangaçeiro Lampião, cujo nome verdadeiro era Virgulino Ferreira da Silva, invadiu a cidade de Sousa. Lampião, conhecido como o "Rei do Cangaço", era temido em toda a região nordeste do Brasil. Esse episódio marcou a história da cidade.



Fonte: Autoria própria (2024).

A utilização de ilustrações de Lampião e de elementos associados ao cangaço ajuda a visualizar o contexto cultural nordestino. Ainda, como em quase toda a cartilha, o texto é complementado por *QR-codes* que direcionam para materiais adicionais, permitindo um aprofundamento do tema por meio de vídeos.

A última página dessa seção apresenta ainda mais sobre Lampião e seu impacto na região. A biografia brevemente apresentada de Virgulino Ferreira da Silva e a contextualização do cangaço ajudam os alunos a entenderem melhor as condições sociais e econômicas que levaram à formação desse movimento, em um contexto histórico marcado por seca, fome e desigualdade na região.

**Figura 25:** Curiosidade sobre a invasão de Lampião em Sousa

### **Aprofundando sobre a invasão de Lampião** <sup>16</sup>

Virgulino Ferreira da Silva, também conhecido como Lampião, foi um cangaceiro mais notório na história do Brasil. Ele nasceu em 07 de julho de 1897, na localidade que na época se chamava Vila Bela, atual Serra Talhada, em Pernambuco.



O grupo liderado por Lampião era formado principalmente por pessoas do sertão que buscavam escapar da pobreza extrema. Naquela região, recorrer à violência era muitas vezes visto como a única forma de defender a honra familiar ou procurar justiça.



Aprofunde sobre as invasões de Lampião



Fonte: Autoria própria (2024).

A página 17 aborda a presença dos dinossauros no cotidiano dos sousenses, apresentando a importância dos vestígios encontrados no Vale dos Dinossauros como uma ferramenta educacional e cultural. Esses vestígios despertam a curiosidade entre as crianças, e as visitas organizadas por escolas ao local promovem um aprendizado lúdico, conectando o passado distante com o presente.

A referida abordagem permite que as crianças compreendam a história de maneira mais envolvente. Porém, além das visitas, a temática dos dinossauros está incorporada nas atividades recreativas e culturais do cotidiano das crianças, fomentando a imaginação e o interesse pelo estudo da História Local.

Esse contato constante com a história fortalece a identidade local, demonstrando como elementos históricos podem ser integrados no dia a dia da comunidade, contribuindo assim para a valorização do patrimônio cultural e histórico de Sousa.

**Figura 26:** A relação entre os dinossauros e o cotidiano das pessoas em Sousa



Fonte: Autoria própria (2024).

Posteriormente, a página 18 destaca a influência indígena na cultura de Sousa, evidenciando a presença da tapioca e da rede como elementos desse legado. A tapioca e a macaxeira, derivadas da mandioca, são alimentos tradicionais e apreciados na região, constatando a continuidade das práticas alimentares indígenas.

Igualmente, a rede, comum nas casas do nordeste, especialmente nas zonas rurais, é valorizada pelo conforto e praticidade, assim, reforçando a conexão da população com suas raízes históricas e contribuindo para a preservação e valorização da identidade cultural local.

**Figura 27:** Alimentos e utensílios indígenas ainda presentes no dia a dia em Sousa

### **Você sabia que a tapioca e a rede têm origem indígena?**<sup>18</sup>

Em Sousa, a influência indígena ainda é presente na culinária e nos utensílios do dia a dia. A tapioca e a macaxeira, alimentos que são tradicionais indígenas, são consumidos e apreciados na região.

A tapioca é feita a partir da mandioca e a macaxeira, também conhecida como mandioca, é usada em diversas receitas na região.



Utensílios indígenas, como a rede, são comuns nas casas de Sousa, principalmente nas zonas rurais. As redes de dormir são valorizadas pelo conforto e praticidade, sendo presente nas varandas e interiores das residências.



Fonte: Autoria própria (2024).

Na última página da cartilha (página 19), é apresentada a capa de encerramento da cartilha, na qual são destacados o nome do autor que a elaborou, juntamente com os devidos créditos ao programa de mestrado do qual o autor faz parte, garantindo que as partes envolvidas sejam reconhecidas.

**Figura 28:** Capa de encerramento da cartilha



Fonte: Autoria própria (2024).

Tendo em vista a cartilha apresentada e discutida, torna-se pertinente que os professores saibam como utilizá-la de maneira efetiva. Para garantir que a cartilha seja um recurso bem aproveitado, é apresentado no Quadro 3 uma recomendação de uso da cartilha pelos professores, em que foi estruturado para oferecer diretrizes sobre como integrar a cartilha ao currículo escolar, proporcionando atividades interativas e interdisciplinares que enriquecem o aprendizado dos alunos.



**Quadro 3:** Proposta para melhor utilização da cartilha no Ensino Fundamental <sup>6</sup>

| Ano/série    | Objetivos de aprendizagem   | Atividades propostas  | Recursos didáticos   |
|--------------|---|---|--|
| 1º e 2º anos | Introduzir os alunos aos conceitos básicos da história local de Sousa, incluindo dinossauros, povos indígenas, colonização, capitânicas hereditárias, atividades econômicas, fé e eventos históricos como a invasão de Lampião. | Leitura compartilhada das páginas da cartilha com apoio de imagens.<br>Discussões em grupo sobre cada tema. Desenhos e pinturas de dinossauros, aldeias indígenas, colonizadores, igrejas e eventos históricos. | Cartilha, ilustrações, vídeos curtos (QR-codes), papel e lápis de cor. |

**<sup>6</sup> Notas de Utilização:**

- Integração de tecnologia: a utilização dos *QR-codes* é necessária para que os alunos acessem vídeos, mapas interativos e outros recursos multimídia, complementando o aprendizado de forma dinâmica e interativa.
- Flexibilidade: professores devem adaptar as atividades conforme a necessidade e o ritmo de aprendizado de seus alunos, garantindo que todos compreendam e se interessem pelos conteúdos históricos apresentados na cartilha.

|              |   |   |   |
|--------------|---|---|---|
| 3º e 4º anos | Ampliar o conhecimento dos alunos sobre todos os temas abordados na cartilha, aprofundando a compreensão de cada um.  | <p>Leitura guiada e discussões sobre os temas.</p> <p>Dramatizações de cenas históricas.</p> <p>Criação de maquetes representando dinossauros, aldeias indígenas, assentamentos coloniais, igrejas e outros pontos importantes de Sousa.</p>                          | Cartilha, material para maquetes, roupas e adereços para dramatização.                    |
| 5º e 6º anos | Explorar com detalhes cada tema da cartilha, incluindo dinossauros, povos indígenas, colonização, capitânicas hereditárias, atividades econômicas, fé e eventos históricos. | <p>Estudo de mapas e criação de linhas do tempo dos eventos históricos.</p> <p>Pesquisas em grupos sobre cada tema. Discussões sobre as atividades econômicas e evolução histórica de Sousa. Visitas a locais históricos e entrevistas com membros da comunidade.</p> | Cartilha, mapas históricos, QR-codes para vídeos e artigos, material para linha do tempo. |

|        |  |  |  |
|--------|--|--|--|
| 7º ano | <p>Analisar e compreender a interconexão entre todos os temas da cartilha e sua importância para a formação da identidade cultural de Sousa.</p> | <p>Projetos de pesquisa sobre os temas da cartilha. Discussões em grupo e mesas redondas sobre a interconexão dos temas. Produção de documentários ou apresentações sobre a história de Sousa.</p>                                       | <p>Cartilha, câmeras ou celulares para filmagem, QR-codes para materiais de referência, transporte para visitas.</p> |
| 8º ano | <p>Sintetizar o conhecimento adquirido ao longo dos anos, realizando projetos integradores sobre a história de Sousa.</p>                        | <p>Criação de jornais ou revistas escolares com reportagens históricas baseadas na cartilha. Apresentações finais dos projetos para a comunidade escolar. Discussão sobre a preservação do patrimônio histórico e cultural de Sousa.</p> | <p>Cartilha, material para produção de jornais/revistas, QR-codes para recursos adicionais.</p>                      |

|        |  |  |  |
|--------|--|--|--|
| 9º ano | Consolidar o aprendizado através de projetos multidisciplinares, focando em uma análise crítica e reflexiva sobre a história de Sousa. | Projetos de pesquisa que integrem todos os temas da cartilha. Apresentações públicas dos projetos para a comunidade escolar e local. Debates sobre os desafios e as conquistas da preservação histórica e cultural de Sousa. | Cartilha, acesso à internet para pesquisas adicionais, material para apresentações (slides, cartazes, etc.). |
|--------|--|--|--|

Fonte: Autoria própria (2024).

Segundo o Quadro 3, para os alunos do 1º e 2º anos, o objetivo principal é introduzir os conceitos básicos da história local, utilizando uma abordagem lúdica e visual através de propostas que incluem a leitura compartilhada das páginas da cartilha, discussões em grupo sobre os temas apresentados, e atividades artísticas como desenhos e pinturas.

Esses primeiros anos de escolaridade são importante para despertar o interesse dos alunos pela história, e o uso de ilustrações e vídeos curtos, acessíveis por *QR-codes* facilita a compreensão dos conteúdos de forma leve. Assim, a avaliação nesta fase deve focar na participação ativa dos alunos, na criatividade demonstrada nas atividades artísticas e no engajamento nas discussões.

Para os alunos do 3º e 4º anos, a tabela sugere uma maior “imersão” nos temas abordados na cartilha, tendo em vista que os alunos já terão maior maturidade. Dessa forma, as atividades recomendadas foram leituras guiadas, dramatizações de cenas históricas e a criação de maquetes representando diversos aspectos da história de Sousa, como os dinossauros, as aldeias indígenas e os primeiros assentamentos coloniais.

Essas atividades práticas ajudam os alunos a desenvolverem uma compreensão mais concreta dos eventos históricos. Por exemplo, através de

dramatizações, é viável que os alunos internalizem melhor os conteúdos ao se colocarem no lugar dos personagens históricos.

Nos 5º e 6º anos, os alunos são incentivados a explorar com detalhes cada tema da cartilha. Para tal, as atividades propostas compreendem o estudo de mapas, a criação de linhas do tempo dos eventos históricos e pesquisas em grupo sobre cada tema.

Outrossim, as visitas a locais históricos e entrevistas com membros da comunidade local são recomendadas para proporcionar uma aprendizagem mais contextualizada, ajudando os alunos a fazerem conexões entre os diferentes aspectos da história local e a desenvolver habilidades de pesquisa.

Para o 7º ano, o Quadro 3 recomenda projetos de pesquisa que integrem todos os temas da cartilha. Neste ponto, os alunos são encorajados a realizar discussões em grupo e mesas redondas sobre a interconexão dos temas e a produzir documentários ou apresentações sobre a história de Sousa. Para isso, o uso de tecnologias, como câmeras para filmagem e *QR-codes* para materiais de referência, torna o aprendizado mais ativo.

No 8º ano, a quadro sugere a criação de jornais ou revistas escolares com reportagens históricas baseadas na cartilha. Neste sentido, os alunos devem apresentar seus projetos para a comunidade escolar, promovendo uma maior integração entre a escola e a comunidade local.

Já para o 9º ano, a quadro propõe a consolidação do aprendizado através de projetos que integrem todos os temas da cartilha. É recomendado que os alunos realizem pesquisas e apresentem seus projetos para a comunidade, promovendo debates sobre as conquistas da preservação histórica e cultural de Sousa. Logo, estas atividades possuem o potencial de corroborar em uma maior compreensão reflexiva sobre a história local e a importância de preservá-la.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação apresentou uma discussão sobre o ensino da história local no município de Sousa, visando compreender sem ser exaustivo suas dimensões pedagógicas, culturais e sociais. A investigação foi motivada pela relevância da história local no contexto educacional contemporâneo e pelo impacto que essa disciplina pode ter na construção da identidade cultural e histórica dos estudantes, principalmente no Ensino Fundamental, pois os alunos ainda estão em fase inicial ou intermediária de desenvolvimento.

Inicialmente, foi contextualizada a escolha do tema e a importância do estudo da história local, apresentando a relevância desse campo para a formação educacional dos alunos. Nesse sentido, foi enfatizado como o ensino da história de Sousa pode contribuir para o desenvolvimento de uma consciência reflexiva nos estudantes, promovendo uma compreensão de sua própria realidade histórica e cultural.

A integração desse conhecimento nos currículos escolares foi apresentada como indispensável, pois permite que os alunos se melhor conectem com suas raízes e com a história da comunidade em que vivem. Em adição, foram discutidas as estratégias pedagógicas que podem ser utilizadas pelos educadores para transmitir de forma efetiva esse conhecimento, tornando as aulas mais atraentes.

O segundo capítulo apresentou um histórico do surgimento do estado da Paraíba, destacando a capitania de Itamaracá e as expedições ao interior. A narrativa envolveu a presença dos povos indígenas antes da chegada dos colonizadores, bem como a formação da capitania do Rio Paraíba e a resistência indígena.

Também, foram discutidos os aspectos históricos específicos do município de Sousa, incluindo seu desenvolvimento, a influência dos colonizadores, e a importância da religiosidade católica na região. Ainda, o capítulo discutiu as transformações econômicas e sociais ocorridas ao longo dos séculos, com destaque para a pecuária, a agricultura e o turismo paleontológico.

No terceiro capítulo, foram descritas as práticas pedagógicas relacionadas ao ensino da história local em Sousa, baseadas em entrevistas semiestruturadas com educadores do município. Os resultados apresentaram a inexistência de materiais didáticos específicos, a necessidade de preparação dos professores e a importância do ensino da história local para a construção da cidadania dos alunos.

Tendo em vista isso, foi proposta a criação de uma cartilha educativa como uma proposta prática para suprir essas lacunas e fortalecer o ensino da história local. A criação da cartilha foi destacada como uma das principais contribuições deste trabalho, visando proporcionar aos alunos um material didático acessível e envolvente que facilite a compreensão do tema. A cartilha foi planejada com uma linguagem simples e atrativa, adequada para crianças do ensino fundamental, incluindo ilustrações e atividades interativas para tornar o aprendizado mais dinâmico e interessante.

Nesta última parte desta pesquisa, é relevante ressaltar que a cartilha foi desenvolvida com base na literatura apresentada ao longo do estudo. As informações históricas e pedagógicas contidas na cartilha foram selecionadas a partir das referências teóricas e empíricas discutidas nos capítulos anteriores. No que se refere as curiosidades inseridas na cartilha, foram enriquecidas por meio de vídeos recomendados, que oferecem uma perspectiva visual dos temas tratados, além do conhecimento adquirido pelo autor ao longo da pesquisa.

O programa Canvas foi utilizado como ferramenta para a construção da cartilha, permitindo a criação de um material visualmente atraente e pedagogicamente efetivo. A escolha do Canvas foi devida à sua versatilidade e facilidade de uso, que possibilitaram a integração de textos, imagens e outros elementos gráficos de maneira simples, contribuindo para um produto educacional de qualidade.

Assim, com base no que foi apresentado, a relevância deste trabalho está na necessidade de integrar a história local no currículo escolar de forma mais efetiva, promovendo um entendimento das raízes históricas e culturais dos alunos. Pois, é de conhecimento que ao valorizar a história local, os estudantes desenvolvem um senso de pertencimento e identidade comunitária, reconhecendo a pluralidade e diversidade presentes na formação cultural da região.

Contudo, entre as limitações do estudo, é ressaltado a dificuldade em encontrar trabalhos sobre a História da Paraíba e, em especial, sobre Sousa. Além do mais, os professores ressaltaram que muitos educadores se sentem despreparados para abordar a história local, pois não existe material, capacitação e muito menos investimento para que isso aconteça, obrigando os professores a improvisarem materiais.

Logo, para futuras pesquisas, recomenda-se a realização de estudos que ampliem a abordagem deste trabalho, investigando outras regiões e contextos



históricos locais na Paraíba, tendo em vista a escassez de pesquisas nesta área. Igualmente, é preciso desenvolver e implementar programas de formação continuada para professores, focados no ensino da história local e investir na produção de materiais didáticos específicos que atendam às necessidades das escolas e comunidades locais.

## REFERÊNCIAS

ABRANTES, G. B. **O modo de vida da comunidade cigana em Sousa-PB**. 2016. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Campina Grande, 2016.

ARRUDA, Í. **Riquezas da cidade de Sousa**. A União. 2023. Disponível em: [https://auniaio.pb.gov.br/noticias/caderno\\_paraiba/riquezas-da-cidade-de-sousa](https://auniaio.pb.gov.br/noticias/caderno_paraiba/riquezas-da-cidade-de-sousa). Acesso em: 12 jun. 2023.

BARROS, C. C. A. et al. Precarização do trabalho docente: reflexões em tempos de pandemia e pós pandemia. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 2, p. 1-23, 2021.

BAUER, Caroline Silveira. **História do Brasil Colônia**. Porto Alegre: SAGAH, 2020,

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular: Área de Ciências Humanas - História**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/historia#competencias-especificas-de-historia-para-o-ensino-fundamental>. Acesso em: 17 nov. 2023.

BRITO, M. da S. **Ser professor da educação infantil: uma abordagem das docentes de uma Creche no Município de Sousa-PB**. 2019. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Campina Grande, 2019.

CALMON, P. **História do Brasil: Século XVI - As origens**. Campinas: Kírión, 2023. (História do Brasil). v. 1.

CARDOSO, T. M. **São Francisco de Paula: o ensino de história e a identidade local**. 2019. Dissertação - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uces.br/xmlui/handle/11338/4953?show=full>. Acesso em: 14 nov. 2023.

CURSO RDP. **História da Paraíba: volume único**. s.d. Disponível em: <https://rumoadefensoria.com/uploads/files/2022/03/recado-historia-da-pb-degustacao-1647960837.pdf>. Acesso em: 22 set. 2023.

ESTRELA, A. P. **História e memória da educação feminina no colégio nossa senhora auxiliadora em Sousa-PB (1958-1980)**. 2019. 126 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Campina Grande, 2019.

ESTRELA, T. E. **Monumentos históricos de Sousa-PB**. 1994.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: Udesp, 2003.

FERRAZ, A. **Além do Rio: uma fotografia da paisagem urbana Sousa – Paraíba**. 2. Ed., AGT Produções, Sousa, 2011.

FONSECA, Marcos Arthur Viana. A demarcação da capitania de Itamaracá e os limites da propriedade donatária dos marqueses de Cascais (1704-1709). **Saeculum-Revista de História (01048929)**, v. 28, n. 49, 2023.

GADELHA, J. P. **Antes que ninguém conte**. João Pessoa: A União Editora, 1986.

GONÇALVES, L. A. **Centro histórico da cidade de Sousa, PB**: permanências e supressões arquitetônicas. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanística). Universidade Federal da Paraíba, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/25120/1/TCC%20FINAL%202019.1%20-%20LUANA%20ABRANTES%20GON%C3%87ALVES%20%28matr%C3%ADcula%2011411919%29.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

GONÇALVES, R. C. Guerra e açúcar: a formação da elite política na Capitania da Paraíba (séculos XVI e XVII). In: **OLIVEIRA, Carla Mary S.; MEDEIROS, Ricardo Pinto. Novos olhares sobre as capitanias do Norte do Estado do Brasil**. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2007.

GUEDES, P. H. M. de Q. **No íntimo do sertão**: poder político, cultura e transgressão na capitania da Paraíba (1750 -1800). Recife, 2013.

GURJÃO, Eliete de Queiroz. Antes que se apague completamente: memória e patrimônio da revolução de 1817 na Paraíba. **XXVII Simpósio Nacional de História**, v. 27, n.1, p.1-12, 2014.

HERPICH, R. L. **Há um lugar bom de se viver: identidade, memória e o ensino da história local**. 2022. Dissertação - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/10963>. Acesso em: 14 nov. 2023.

HIGA, C. C. **União Ibérica**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/uniao-iberica.htm>. Acesso em: 23 set. 2023.

IBGE. **Cidades e Estados**. Gov.br. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/sousa.html>. Acesso em: 04 mai. 2023.

IBGE. **Pesquisas**. 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sousa/historico>. Acesso em: 09 abr. 2024.

LIRA, L. de L. **História da Paraíba**. 2020. Disponível em: [https://www.pm.pb.gov.br/arquivos/Historia\\_da\\_Paraiba.pdf](https://www.pm.pb.gov.br/arquivos/Historia_da_Paraiba.pdf). Acesso em: 09 jun. 2023.

LOPES, L. R. **História do Brasil Imperial**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

MAPAS HISTÓRICOS. **Mapa da Capitania da Paraíba e Rio Grande de 1720**. Disponível em: <https://www.bahia.ws/mapa-da-capitania-da-paraiba-e-rio-grande-de-1720/>. Acesso em: 05 dez. 2023.

MATA, S. da. **Chão de Deus: catolicismo popular, espaço e proto-urbanização em Minas Gerais, Brasil, Séculos XVIII-XIX**. Berlin: Wiss. Verl. Berlin, 2002.

MATTOS, Enlison; INNOCENTINI, Thais; BENELLI, Yuri. Capitánias hereditárias e desenvolvimento econômico: herança colonial sobre desigualdade e instituições. **Pesquisa e planejamento econômico-PPE**, v. 42, n. 3, p. 433-472, 2012.

MEDEIROS, Nilma Maria Pôrto de Farias Cordeiro de et al. O sagrado indígena Tabajara e Potiguara: uma compreensão primeira do saber ambiental em território paraibano. **Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 7, n. 17, p. 1087-1100, 2020.

NEVES, Juliano de Oliveira Rosa. **Uma proposta de ensino de História regional: o movimento autonomista do Norte Goiano (1821-1823)**. 2022. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Mestrado Profissional em História, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2023.

OCTÁVIO, J. **História da Paraíba: lutas e resistência**. 10. ed. João Pessoa: A União, 2002.

OLIVEIRA, F. M. de. **A economia algodoeira de Sousa/PB na segunda metade do século XX**. Trabalho de Conclusão de Sousa (Graduação em História). Universidade Federal de Campina Grande. 2014. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/6069/FRANCISCA%20MARIA%20DE%20OLIVEIRA%20-%20TCC.%20LICENCIATURA%20EM%20HIST%20RIA%202014.pdf?sequence=3>. Acesso em: 12 jun. 2023.

PARAÍBA TOTAL. **A Paraíba - história**. 2021. Disponível em: <https://www.paraibatotal.com.br/a-paraiba/historia/>. Acesso em: 09 jun. 2023.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação da Paraíba. **Proposta Curricular do Estado da Paraíba**. João Pessoa, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos\\_estados/documento\\_curricular\\_pb.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_pb.pdf). Acesso em: 17 nov. 2023.

PEIXOTO, J. B. S. et al. Transformações sobre as condições de vida de beneficiários do programa bolsa família acompanhados em unidade básica de saúde da família de Campina Grande, Paraíba. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 35, n. 3, p. 591-591, 2011.

PEREIRA, Luciano Schaefer. Geodiversidade da Parahyba no período colonial. **Mercator (Fortaleza)**, v. 16, p. e16016, 2017.

PESTANA, Linda Siokmey Tjhio Cesar. Reflexões sobre mitos, ritos e espiritualidade indígenas. **identidade!**, v. 20, n. 2, p. 95-102, 2016.

PINTO, I. F. **Datas e Notas para a História da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1977.

PREFEITURA DE SOUSA. **HISTÓRIA**, 2015. Disponível em: <<https://www.sousa.pb.gov.br/cont.php?pag=historia>>. Acesso em: 21 fev. 2024.

RHODEN, Juliana Lima Moreira; ZANCAN, Silvana. A perspectiva da abordagem qualitativa narrativa de cunho sociocultural: possibilidade metodológica na pesquisa em educação. **Educação**, v. 45, p. 1-22, 2020.

SAMPAIO, TuaneBazanella. **Metodologia da pesquisa**. – 1. ed. – Santa Maria, RS: UFSM, CTE, UAB, 2022.

SARMENTO JÚNIOR, Paulo Cezar. **‘Santo’Espúrio-Frei Damião de Bozzano: histórias e memórias no sertão paraibano**. 2019. 64 f. Dissertação (História) - Universidade Federal de Campina Grande, 2019.

SARMENTO, C. F. **Povoações, Freguesias e Vilas na Paraíba colonial: Pombal e Sousa, 1697-1800**. Dissertação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia: Com novo pós-escrito**. Editora Companhia das Letras, 2015.

SEFFNER, F. Aprendizagens significativas em História: critérios de construção para atividades em sala de aula. In: GIACOMONI, M.; PEREIRA, N. M.; **Jogos e o Ensino de História**. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

SILVA, Heloisio da. **Pau-brasil**. 2021. 76 f. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo, 2021.

SILVA, Jahelina de Almeida. **A Paraíba colonial nos livros didáticos de História da Paraíba: uma análise historiográfica**. 2006. 92 f. Dissertação – Universidade Federal de Campina Grande, 2006.

SILVEIRA, Diego RS; COSTA, Thaíse KL. Produção de Material Instrucional para o Ensino de História da Paraíba. In: **Anais do V Congresso sobre Tecnologias na Educação**. SBC, 2020. p. 188-197.

TARGINO, I. B. **Patrimônio Histórico da Paraíba 2000- 2002**. Ideia, João Pessoa, 2003.

**ANEXO**  
**ANEXO A – QUESTIONÁRIOS**

**APÊNDICE A – ENTREVISTA COM PROFESSORES DE HISTÓRIA DE SOUSA –  
PB  
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO EM HISTÓRIA  
PROFISSIONAL  
PESQUISA DE CAMPO – HUGO SARMENTO GADELHA**

1. Nome completo

R:

2. Tempo de atuação docente.

R:

3. Em quais disciplinas atua?

R:

4. Em que ano do Ensino Básico é tratado o tema da História Local?

R:

5. Existe algum material que é oficialmente utilizado nas escolas para trabalhar a História Local?

R:

6. Quais são os aspectos/temas/assuntos que são abordados na História Local?

R:

7. Como os alunos interagem com o tema da História deles?

R:

8. Na condição de professor, que sugestões trarias para qualificar ainda mais o ensino de História Local?

R:

9. Tens como compartilhar para essa dissertação o material utilizado para o ensino de História Local?

R:

10. Essa dissertação objetiva produzir uma cartilha com alguns elementos de História Local. Aproveitando o teu conhecimento e experiência, que temas/assuntos irias colocar como imprescindíveis?

R:

11. Observações que julgares pertinentes.

R:



## ANEXO B – RESPOSTAS COMPILADAS

| <b>Pergunta</b>   | <b>Respostas compiladas</b>  |
|---|--|
| Aspectos/temas/assuntos que são abordados na História Local | Aspectos históricos, sociais, econômicos.<br>Envoltura social e religiosa da época.<br>Estudos de hinos da história local, brasão e bandeira |
|   | Aspectos históricos, sociais, econômicos.<br>Envoltura social e religiosa da época.<br>Estudos de hinos da história local, brasão e bandeira |
|   | Desconhecido   |
|   | Suponho que os primeiros literatos do município  |
|   | Eles não são abordados   |
|   | Localização, região  |

| <b>Pergunta</b>   | <b>Respostas compiladas</b>                      |
|---|--|
| Existe algum material que é oficialmente utilizado nas escolas para trabalhar a História Local? | Existe apostilas                                 |
|   | Não, o material é interpretado pelos professores |
|   | Não do meu conhecimento                          |
|   | Não dispõe de tal informação                     |
|   | Não  |

| <b>Pergunta</b>  | <b>Respostas compiladas</b>  |
|--|--|
| Como os alunos interagem com o tema da História deles? | Interagem de forma a realizar pesquisas sobre as curiosidades e nuances que a história daquela época repassa, assim como interagem no próprio debate em sala de aula |
|  | Não foi especificado claramente (resposta incompleta ou não fornecida)   |
|  | Não sei  |

|  |  |
|--|--|
|  | Não dispõe de tal informação                                       |
|  | Eles não interagem, pois não se trabalha essa temática nas escolas |
|  | Partindo das curiosidades  |

| <b>Pergunta</b>   | <b>Respostas compiladas</b>   |
|---|---|
| Na condição de professor, que sugestões traria para qualificar ainda mais o ensino de História Local? | Disponibilização de maior material de apoio em especial da forma virtual, assim como disponibilização de filmes e documentários para estudo amplo da história local |
|   | Através de pesquisa ou com uma cartilha própria onde nela possa ser abordado tal assunto  |
|   | Trabalhar a memória de Jorge Amado, bibliografia de grandes escritores paraibanos   |
|   | Disponibilizar materiais mais completos sobre a história local dos dinossauros  |
|   | Bibliotecas e escolas qualificadas  |